

AUGUSTO LUCA



Guido Maria Conforti

Muitos povos, uma só Família

Centro Documentazione Saveriani Roma

MISSIONÁRIOS XAVERIANOS

1

**DOM
GUIDO MARIA CONFORTI**

multos povos, uma só família

AUGUSTO LUCA

**DOM
GUIDO MARIA CONFORTI**

muitos povos, uma só família

**BISPO DE PARMA
FUNDADOR DOS MISSIONÁRIOS XAVERIANOS**

EDIÇÕES PAULINAS

Centro Documentazione Saveriani Roma

Título original da obra
Monsignor Conforti
© Editrice Missionaria Italiana, 1988

Primeira edição: maio 1988
Reedição: abril 1989
Segunda edição: outubro 1991

Conselho Editorial
Natália Maccari
Luzia Sena
Maria Belém
Neri Emílio Stein
Élide T. Pulita

Tradução
Euclides Carneiro

Revisão
Pe. Vicente Mitidieri s.x.
Mônica Guimarães Reis

Editor de arte
Célio Ysayama

Foto
Cório de Nossa Senhora de Nazaré em Belém (PA)
Pe. Ângelo Costalonga s.x.

Produção gráfica
Luiz C. Araujo

EDIÇÕES PAULINAS
Av. Indianópolis, 2752
04062-003 - São Paulo - SP (Brasil)

© Edições Paulinas, São Paulo, 1992

Centro Documentazione Saveriani Roma

APRESENTAÇÃO

Um carisma, um projeto, um sonho: um só rebanho, um só pastor. Reunir toda a humanidade numa família global ao redor do Primogênito, o irmão Jesus Cristo, que foi e é crucificado; e fazer dos ensinamentos dele, transmitidos pelos evangelhos, o suporte dos relacionamentos entre pessoas e entre povos. A fraternidade universal e a luta não violenta perpassam os inumeráveis escritos e os posicionamentos de Conforti e fazem dele uma figura profética na virada do último século.

Homem simples e suave, filho do campo, Conforti enfrentou os mais diferentes desafios com solicitude “materna”, posicionando-se sempre ao lado do mais fraco, sem medo de encarar os poderosos, sendo até teimoso para alcançar a paz. Frágil e doentio desde menino, teve uma vida superagitada pelo trabalho, pelas viagens, pelas tensões, pelas guerras e barricadas..., sem nunca expressar um gesto, uma palavra de cansaço ou de irritação. Luta-dor incansável, atingia forças sempre novas na união com o Deus da vida. Animado por fé, amor, esperança, fez o bem a todos, almejando a harmonia em toda e qualquer conjuntura.

Convencido do valor da comunidade como fermento de transformação, quis agregar-se aos Jesuítas, como Francisco Xavier: não deu certo; quis então, sendo admirador de dom Bosco, agregar-se aos Salesianos: também não deu. O Espírito estava guiando-o de forma que ele

mesmo congregasse homens e mulheres que, partilhando o seu sonho, estivessem prontos a doarem suas vidas para que os pobres do planeta alcançassem a solidariedade. Um grão de mostarda, uma hortaliça, um ninho: o projeto entusiasmou centenas e centenas de anunciadores e de construtores da paz. Saíram de sua terra, singrando os oceanos, voando nos céus, levando a mensagem libertadora “não pela força da espada, mas pela força do amor e da persuasão” (palavras de mons.Conforti no rito de envio de quatro missionários em 1924); e foram espalhando a semente do Reino pelas matas, pelos desertos, pelas megalópoles, pelos vilarejos...

Os leigos “participantes da missão própria da Igreja” (Conforti); a mulher, a quem muitas vezes solicitou elogiando o seu engajamento; afinal o povo de Deus como um todo deve participar deste mutirão para a transformação da humanidade: “Façamo-nos todos apóstolos, porque todos podemos e devemos sê-lo, no estado e na condição em que a divina Providência nos colocou” (Conforti).

O Pe. Augusto Luca apresenta-nos um Conforti fascinado por esses ideais. Devemos agradecer-lhe o estilo simples e claro ao retratar pessoas, povos, ideologias, sentimentos, acontecimentos. Agradecer-lhe também a fidelidade histórica na apresentação de uma personalidade tão rica em espiritualidade e atuação.

Um desejo? Que a utopia de mons. Conforti se torne realidade o quanto antes, com a participação de cada um de nós na construção do Reino, já.

Pe. Vicente Mitidieri s.x.

UMA QUINTA ENTRE OS PÂNTANOS

Por volta da metade do século passado, nos terrenos da província de Parma próximos do Pó, na zona conhecida como A Baixa, cultivava-se arroz. Vendo estes terrenos, em certas estações, pareciam um pântano: as hastes do arroz em crescimento furavam as águas e as rãs coaxavam nos diques.

No verão o sol riscava de fendas a terra sedenta e as cigarras faziam vibrar no ar aquele fretenir obsessivo que acentuava a opressão do calor. Em novembro, subia dos torrões o nevoeiro espesso cor de cinza a isolar todas as coisas. Depois, no inverno, as longas nevadas cobriam as amplidões negras da aradura.

Nesta planície, numa grande quinta entre os aguaçais, no começo da primavera, nasceu Guido: era o dia 30 de março de 1865.

Seu pai, proprietário da quinta, chamava-se Rinaldo Conforti; a mãe, Antônia Adorni.

O pai era um homem alto e rude, com uma longa barba; a mãe, uma senhora mansa e trabalhadora, cheia de caridade para com os pobres.

Os irmãos eram Jacinto de 14 anos, Adele de 12, Ismael de 8 e Clotilde de 5. Outras três crianças morreram logo depois de nascidas e por isso havia aquele vazio entre os quatro irmãos vivos e Guido, o último. Por sorte nasceram depois duas irmãszinhas, Mérope e Paolina, companheiras de jogos na primeira infância.

No mesmo dia em que nasceu em Casalora, quinta da família, o menino foi levado à igreja de Ravadese onde foi batizado com os nomes de Guido, José e Maria.

Adele e Jacinto morreram alguns anos depois. Portanto, Guido, o oitavo dos dez filhos, logo transforma-se no terceiro de cinco irmãos.

As rãs foram um dos primeiros interesses do menino. Escutava o seu coaxar monótono e gostava de vê-las pular na água quando apareciam nos diques. Aprendeu também a capturá-las, como por um inato instinto de caça.

Também os passarinhos despertavam a sua admiração: seguia os seus vôos dardejantes, escutava os seus chilreios solitários ou o pipiar confuso à noitinha, quando se juntavam para dormir sobre os choupos.

Na primavera, movimentava-se circunspecto pelo campo para descobrir ninhos: projetava levar os pequeninos pássaros para criá-los em gaiola.

Foi numa destas incursões aventureiras que caiu de uma árvore e bateu com a cabeça no chão: ficou como morto durante algum tempo. A mãe, em casa, por um destes misteriosos instintos da natureza, sentiu como que um baque no coração e gritou o nome de Guido. Saíram a procurá-lo e o encontraram desfalecido em pleno campo.

Outras pequenas aventuras assinalaram a sua infância, passada na liberdade dos campos e na alegria tranquilizadora da família.

DEVO TUDO A MINHA MÃE

Mamãe Antônia era uma mulher piedosa. Ensinava seus filhos a juntar as mãozinhas em oração, e, como andavam por seus próprios pés, aos domingos os levava à igreja de Ravadese, com a carruagem dirigida pelo pai ou por um empregado da casa.

Quando Guido era ainda pequenino, mostrava-lhe o Crucifixo e dizia: “Vê como Jesus sofreu!”. Depois, tirava a cruz da parede e o pequeno colocava o dedinho nas chagas dos cravos ou no lado. Aos oito anos, quando era hóspede numa casa em Parma e freqüentava a escola dos Irmãos das Escolas Cristãs, Guido encontrou-se novamente com o Crucifixo: passava por uma rua, em Borgo delle Colenne (Burgo das Colunas), onde havia uma igrejazinha chamada igreja da Paz. Dominava o seu altar um grande Crucifixo; Cristo ali estava, com o sangue coagulado nas chagas das mãos e dos pés, a cabeça coroada de espinhos e um rosto tão triste que provocava no pequeno Guido um nó na garganta.

Aquele Crucifixo o atraía. Olhava-o fixo, de modo a parecer-lhe vivo e ouvia a sua voz.

Falava-lhe realmente? Ou era somente um sentimento que aflorava do coração? Quando adulto afirmou que aquele Crucifixo lhe havia dito muitas coisas, inspirando-lhe a vocação.

Quando se tornou bispo de Parma, descobriu que a igreja da Paz não era mais destinada ao culto: onde estava o “seu” Crucifixo? Mandou que o procurassem e o colocou sobre o altar-mor, na Catedral, no esplêndido edifício que a piedade dos antepassados tinha construído na cidade de Parma para honrar a Deus.

NO SEMINÁRIO

Guido foi enviado a Parma para frequentar o curso primário porque em Casalora não havia escolas e, talvez, nem mesmo em Ravadese.

Ficou hospedado na casa do senhor Maini e frequentava o Colégio dos Irmãos das Escolas Cristãs. Os bons irmãos continuaram a educação da mãe: lançaram naquele pequenino coração sementes de virtude e fizeram despertar nele a aspiração de servir a Cristo no sacerdócio.

Mamãe Antônio sentiu uma incontida alegria quando Guido lhe disse que queria ser padre, mas seu pai Rinaldo ficou furioso.

Jacinto tinha morrido durante o serviço militar, Ismael era um trabalhador, mas não lhe agradava a escrituração e Rinaldo tinha necessidade também de um filho que tocasse a quinta e soubesse fazer toda a contabilidade. Por isso se opôs à vocação de Guido: “Não! Não mesmo!”

Por outro lado, ser padre naqueles tempos não era em absoluto uma carreira honorífica, pelo menos em Parma (sabe-se que os meninos grasnavam de Guido porque estava vestido de preto, como os corvos e os adultos diziam com desprezo: “Saco de carvão!”). E, além disso, Rinaldo sabia que alguns padres passavam fome, até mesmo o de Radavese se não tivesse a ajuda dele nas coletas. Em suma, não seria bom, e era ele quem mandava!

A cena se passou na casa dos Maini em julho de 1876, quando Guido terminou o primário e estava na hora de definir o seu futuro: Mamãe Antônia conservava-se calada, intimidada, esperando que o temporal amainasse. Guido também estava calado; mas quando a fúria do pai cessou, ouviu-se, abafado no quarto, o soluçar do menino.

Rinaldo, homem impulsivo mas de bom coração, sentiu a emoção subir-lhe à garganta: levantou-se de repente e saiu.

Uma hora depois passou com a carruagem para levar a mulher e o filho, e, apesar do seu trovejar, Guido pôde continuar o caminho escolhido. Em outubro daquele ano — 1876 — encontramo-lo já no seminário, com a nova roupa e os cabelos louros bem arranjados.

Um dia, o bispo apareceu no seminário: Guido se distinguia pela sua graciosa aparência e porque era o menor. O bispo o saudou com um sorriso e lhe pôs a mão na cabeça, desarrumando suavemente os cabelos. O pequeno Guido corou e só então percebeu que seus companheiros tinham cabelos curtos.

UM CAVALHEIRO SEM MANCHA E SEM MEDO

Guido tinha aproximadamente 14 anos quando lhe caiu nas mãos um livro que iria influenciar a sua vida definitivamente. Tratava-se da vida de São Francisco Xavier, apóstolo das Índias.

Primeiro o folheou, olhando as figuras que ilustravam os feitos do missionário, depois começou a ler com crescente curiosidade.

A figura de São Francisco Xavier, que havia deixado a pátria, os amigos e uma carreira promissora para ir às longínquas Índias, agigantava-se diante dele. Via-o descalço percorrendo as regiões escaldantes da Índia meridional, pregando aos “pobres infiéis” levantando com a mão direita o Crucifixo. Via as multidões se ajoelharem a seus pés enquanto ele batizava, batizava... até o braço cair-lhe inerte de fraqueza. Depois lhe ouvia o apelo amargurado: “Gostaria de ir à Universidade de Paris e gritar a plenos pulmões que muitas almas vão para o inferno, porque não há quem lhes pregue o Reino de Deus”.

Parecia-lhe ver o Santo que operava milagres, que curava uma mulher moribunda, que chamava à vida um afogado e que entregava aos jovens indianos um terço ou uma garrafinha de água benta; e estes saíam e rezavam em altas vozes sobre os enfermos, tocavam neles com o terço e ficavam curados.

Via Francisco na Ilha do Mouro, entre os canibais, pregar sem medo e amansar aqueles homens. Via-o em alto-mar dirigindo-se ao Japão e finalmente navegar para a China, aportar numa ilha deserta, Sanciano, e lá esperar alguém que o levasse ao continente chinês, onde milhões e milhões de pessoas esperavam conhecer Cristo. Mas também viu-o definhar numa cabana aberta a todos os ventos e morrer com as mãos estendidas para a China que não pudera converter a Cristo.

A emoção se apoderava de Guido à visão daquela morte, sobre um rochedo solitário: o seu herói morria sem ter conseguido chegar à China. Não haveria ninguém a receber a sua herança, a levar avante o seu ideal? Ele, Guido, não poderia ser o continuador de Xavier na grande façanha?

UM OBSTÁCULO INSUPERÁVEL

O jovem seminarista cultivava silenciosamente o seu ideal missionário e esperava o momento certo de partir! Não logo para as Índias, naturalmente; era preciso primeiro encontrar um Instituto que o recebesse e o preparasse para as missões. Pensou nos Jesuítas, à cuja Ordem pertenceu Xavier. Escreveu uma carta e lhe responderam que os seus desejos eram louváveis e que os superiores os levariam em consideração, mas entrando na Companhia de Jesus seria preciso só obedecer. Guido considerou o compromisso um tanto vago.

Escreveu então a dom Bosco que, alguns anos antes, havia mandado para a Patagônia, entre os Índios, dom Cagliero e companheiros numa missão heróica, digna de Xavier.

Dom Bosco nunca recebeu a carta, porque naquele tempo estava doente, e quem a respondeu contentou-se em agradecer-lhe a oferta anexa.

Parecia mesmo que tudo se opunha à vocação de Guido.

Surgiu depois um obstáculo mais grave, quando estava para terminar o segundo grau, talvez o momento mais oportuno para decidir: Numa noite de inverno os seminaristas ouviram um barulho vindo do quarto de Guido: correram e o encontraram estendido no chão, pálido e sem sinal de vida. Depois de pouco tempo se refez, porém, algumas semanas depois, teve outro desmaio, se-

guido de convulsões. Os médicos tinham dúvidas em definir aqueles fatos como epilepsia, embora os sintomas indicassem tal diagnóstico.

Assim, por quatro ou cinco anos, Guido, de vez em quando, era assaltado por seu mal e os superiores estavam perplexos. Por fim, o bispo resolveu adiar-lhe a ordenação sacerdotal: “É muito jovem — dizia — esperamos um pouco para ver que decisão tomar”. Guido havia terminado os seus estudos e estava com quase 22 anos.

Parecia irremediavelmente comprometida não só a sua vocação missionária, mas também a sacerdotal. Na sua angústia pensou em dirigir-se a uma senhora piedosa, que tinha fama de santa, para que rezasse por ele.

Foi então ao ex-convento de São Cristóvão, subiu uma longa escada que o levou ao andar superior e se encontrou diante de uma senhora de 82 anos, vestida de preto e sentada numa cadeira, imobilizada por uma prolongada enfermidade. Era a Madre Ana Maria Carolina Adorni, fundadora da Obra do Bom Pastor e das Irmãs Servas da Imaculada.

Emocionado, Guido expôs os seus sofrimentos e lhe pediu orações. A santa senhora ficou alguns instantes em silêncio, com o olhar fixo num ponto ao longe; depois disse: “Coragem! Nossa Senhora o espera em Fontanellato para conceder-lhe a graça... Será padre e pastor”.

O que se gravou naquele momento na mente de Guido foi a promessa: “Para conceder-lhe a graça”: porém mais tarde lhe ressoaram no íntimo, repetidas vezes, também as outras palavras: “Será padre e pastor”. Padre e pastor? o que isto significa?

UM JOVEM FUNDADOR

Guido curou-se e no dia 22 de setembro de 1888, com 23 anos, recebeu a ordenação sacerdotal. Em reconhecimento a Nossa Senhora foi celebrar a sua primeira missa no santuário de Fontanellato.

O Reitor do seminário, mons. André Ferrari, o solicitou como seu vice-reitor. Aos domingos, padre Guido ia a uma cidade vizinha para celebrar a missa e exercer o ministério.

A idéia de partir para as missões parecia se tornar irrealizável. Mesmo estando curado do seu mal, tinha uma saúde precária e estava sujeito a freqüentes ataques de bronquite. Foi nesta situação que amadureceu em seu coração um projeto que ele mesmo não hesitava em definir como muito grande e ambicioso: fundar um Instituto Missionário!

Ele não podia ir: por que não procurar outros que estivessem dispostos a receber a mensagem de Xavier?

Já se imaginava estar numa pequena paróquia nos montes, juntar à sua volta um grupinho de crianças, falar-lhes de missões e prepará-los para ser missionários.

Quando em 1890 o Reitor do seminário, André Ferrari, foi nomeado bispo de Guastalla e o bispo de Parma pediu a Guido que o substituísse na direção do seminário, viu-se obrigado a revelar as suas aspirações secretas. Esperava uma censura, ou, pelo menos, uma exortação paterna... para ficar com os pés em terra. Mas, contraria-

mente a toda expectativa, o bispo lhe disse: “Veremos, veremos... Se ficar livre alguma paróquia, pensaremos nisso”.

Guido esperava e rezava. Um dia foi-lhe entregue uma carta do bispo, dom André Miotti: “Pensei não destiná-lo a uma paróquia como tinha prometido, mas nomeá-lo cônego, com uma prebenda (isto é, com um ordenado); assim poderá ficar na cidade e realizar mais facilmente o seu desígnio”. Mas, continuando as suas palavras, o bispo sugeria a Guido Conforti dedicar-se ao bem de tantos meninos abandonados: noutras palavras o aconselhou a fundar um orfanato... O que havia entendido o bispo? Ou o que esperar dele?

Assim o padre Guido se tornou o “cônego Conforti”.

Todos os dias se propunha ir ter com o bispo para esclarecer os seus planos, mas nunca lhe vinha a ocasião. Certo dia o bispo adoeceu, seu estado foi se agravando e no dia 30 de março de 1893 veio a falecer. Exatamente naqueles dias surgiu uma ocasião que Guido considerou providencial: tinha sido posta à venda uma casa, muito ampla, atrás do seminário e Guido a adquiriu. Empenhou o seu patrimônio de ordenação, que a família lhe dera, e outras economias. Juntou-se a isto a oferta de uma piedosa benfeitora e ajudas vindas da Providência.

O padre Guido tinha 28 anos e claro que estava levando seus planos a sério. Mas para fundar um Instituto Missionário, era preciso a permissão de Roma, isto é, da Congregação para a Doutrina da Fé, responsável pela atividade missionária da Igreja. Guido escreveu logo uma carta ao Cardeal Prefeito da Propaganda, falando do seu propósito e pedindo o seu beneplácito. A carta tinha a data de 9 de março de 1894.

Talvez fosse ingênuo comportar-se daquela maneira: seria oportuno ir a Roma pessoalmente, recomendar-se a algum monsenhor influente e depois esperar, esperar... Mas Guido era animado de uma grande fé e estava certo de que se o Senhor queria verdadeiramente a obra inspiraria o Cardeal da Congregação para a Doutrina da Fé a dizer sim imediatamente.

Foi o que aconteceu. No decurso de um mês chegou a resposta: afirmativa, cordial e muito encorajadora. Agora padre Guido podia começar!

Começou a juntar alguns rapazes que diziam querer ser missionários. Logo, teve em volta de si 17, quase todos da sexta-série, exceto dois do colegial e um estudante de teologia.

Os aspirantes missionários entraram na casa de Borgo del Leon d'Oro, número 12, em novembro de 1895. No dia 3 de dezembro, festa de São Francisco Xavier, foi inaugurado o Instituto na presença do novo bispo de Parma, dom Francesco Magani, e de muitos sacerdotes. O decreto episcopal de fundação denominava o pequeno Instituto nascente com o título oficial de *Seminário Emiliano para as Missões Estrangeiras*. O fundador tinha 30 anos e fora nomeado vigário geral da diocese.

O NINHO DAS ÁGUIAS

Após dois anos, os alunos eram 36. Tomava conta deles um jovem sacerdote de Parma, que vinha seguindo Conforti desde o começo. Era o padre Caio Rastrelli, ordenado sacerdote em dezembro de 1895. Mons. Conforti tinha-o nomeado vice-reitor e praticamente responsável pela comunidade, porque ele devia ficar na Cúria todo o dia, por ser vigário geral.

Em março de 1897 os aspirantes já eram 40 e havia esperanças de que aumentassem ainda mais. A casa já estava pequena.

Mons. Conforti começou a pensar em outro lugar, num edifício maior e melhor. Mas onde? E como angariar dinheiro para uma obra tão grande? Havia a herança que lhe deixou seu pai, que morreu em 1895, mas não era suficiente. O jovem fundador arquitetava em sua mente um projeto de uma loteria nacional, um apelo a todas as dioceses da Emília e muitas outras coisas...

Entretanto, um acontecimento agitou o pequeno grupo de Borgo Leon d'Oro. Em março de 1898 veio a Parma o franciscano padre Francisco Fogolla, proveniente da China. Falou na igreja da Anunciada e foi visitar o pequeno Instituto de mons. Conforti. Suscitou um grande entusiasmo.

Não era um “fogo de palha”. Poucos dias depois, padre Caio foi ter com o fundador pedindo para partir no ano seguinte para a China, juntamente com o padre Fogolla. O estudante Odoardo Manini também queria partir...

Talvez fosse ingênuo comportar-se daquela maneira: seria oportuno ir a Roma pessoalmente, recomendar-se a algum monsenhor influente e depois esperar, esperar... Mas Guido era animado de uma grande fé e estava certo de que se o Senhor queria verdadeiramente a obra inspiraria o Cardeal da Congregação para a Doutrina da Fé a dizer sim imediatamente.

Foi o que aconteceu. No decurso de um mês chegou a resposta: afirmativa, cordial e muito encorajadora. Agora padre Guido podia começar!

Começou a juntar alguns rapazes que diziam querer ser missionários. Logo, teve em volta de si 17, quase todos da sexta-série, exceto dois do colegial e um estudante de teologia.

Os aspirantes missionários entraram na casa de Borgo del Leon d'Oro, número 12, em novembro de 1895. No dia 3 de dezembro, festa de São Francisco Xavier, foi inaugurado o Instituto na presença do novo bispo de Parma, dom Francesco Magani, e de muitos sacerdotes. O decreto episcopal de fundação denominava o pequeno Instituto nascente com o título oficial de *Seminário Emiliano para as Missões Estrangeiras*. O fundador tinha 30 anos e fora nomeado vigário geral da diocese.

Mons. Conforti ficou perplexo. Como poderia privar-se do único padre, que era o seu braço direito na formação dos alunos? E como poderia permitir que um estudante de teologia, que não tinha ainda vinte anos, além disso filho único, partisse com ele?

Mas eles tanto teimaram e tanto oraram que no fim o fundador cedeu.

O dia 3 de dezembro daquele ano, dia de São Francisco Xavier, tornou-se um dia solene. Na capela do Instituto, depois do Evangelho, o cônego Conforti leu à comunidade reunida o novo decreto do bispo, com o qual se fundava o Seminário Emiliano para as Missões Estrangeiras como Congregação religiosa sob o patrocínio de São Francisco Xavier. No momento da comunhão, ajoelhados diante do altar, o padre Caio Rastelli e o estudante Odoardo Manini pronunciaram o voto de se dedicarem às missões e ao mesmo tempo viver em pobreza, castidade e obediência: eram os primeiros professores xaverianos.

Três meses depois, no dia quatro de março de 1899, os dois jovens xaverianos partiam para a China, guiados por dom Fogolla, nesse ínterim consagrado bispo auxiliar de dom Gregório Grassi, vigário apostólico no Shan-si setentrional.

O vazio causado pela partida dos missionários foi logo preenchido com novos aspirantes: urgia procurar uma nova sede.

Saindo do seu cargo no palácio episcopal, dom Conforti se encontrava diante da esplêndida fachada da Catedral e do Batistério otogonal, símbolos, antes sinais vivos daquela fé que tinha alimentado os antepassados e que devia ser levada ao mundo.

A Catedral e o Batistério, como também o palácio episcopal, foram construídos na Idade Média, na parte nordeste da cidade, mas se tornaram o seu coração.

A cidade surgiu na época romana na Via Emília, onde ela é cortada pelo rio Parma que, descendo dos montes, vai confluír no rio Pó. Os romanos tinham construído uma ponte da qual se vêem ainda hoje as ruínas.

Numa grande praça, na Via Emília, a uns cem metros do curso do rio, veio logo a constituir-se o centro da via da cidade, tanto na época dos Comuns, como na época das Senhorias. Era chamada praça Grande e hoje tem o nome de praça Garibaldi.

Daqui o cônego Conforti partiu à procura de um terreno para o seu Instituto. Caminhou ao longo da Via Emília, para o Oriente, ultrapassando a Porta São Miguel e dirigindo-se ao campo.

Havia um terreno, mas não se chegou a nenhuma conclusão.

Então, mons. Conforti voltou os seus passos para o rio Parma, que divide a cidade em duas partes; por alguns séculos a divisão foi também social: de um lado os palácios dos senhores, a nobreza, a riqueza; do outro os pobres e os deserdados. Somente em 1856 Luísa Maria de Borbone, quando Regente em lugar do filho Roberto, iniciou a construção de um quarteirão decente para os pobres, a assim chamada Via della Salute (Rua da Saúde). Apenas as igrejas eram grandes e bonitas, quase como as da outra margem, porque diante de Deus não há diferença entre as pessoas.

Mons. Conforti chegou até o rio e depois seguiu beirando-o na direção ao sul, até a altura da barreira Farini:

até o ponto em que terminava a antiga cidade com os seus muros. Além dos muros estendia-se uma vasta planície que servia para as manobras militares e era chamada Campo de Marte. No fundo, um terreno entre o rio e algumas casas velhas. Mais longe, quase na embocadura da ponte Dáttaro, erguia-se um edifício solitário, de dois andares, pertencente ao bispo de Parma.

Dirigindo-se ao norte, desde aquele ponto podia-se descortinar toda a cidade, com os seus campanários, as suas cúpulas e os seus palácios. As igrejas pareciam protendidas para o sul, como que a saudar os futuros missionários. Da outra parte os montes se estendiam, como que formando uma coroa e limitavam o horizonte: além daqueles montes, o mundo longínquo daqueles que esperavam a fé.

No dia 24 de abril de 1900, uma pequena multidão se reuniu naquele espaço, já limitado por uma cerca, e o bispo Magani, em hábitos pontificais, abençoou a primeira pedra daquele que devia ser o “O Quartel General” dos Missionários Xaverianos.

Quando a pedra que acabara de ser benzida foi colocada em baixo da terra, entre o som das trombetas da banda de música dos salesianos, o bispo tomou a palavra para ilustrar o significado daquela pedra e daquele rito. Depois, comovendo-se numa visão longínqua, pronunciou palavras que se gravaram no coração dos ouvintes: “Chegará o dia, quando os meus ossos repousarem na Villetta (e se voltava para a fila de choupos distante que indicavam o cemitério da cidade), chegará o dia em que deste ninho bendito levantarão vôo os Filhotes de Águia do Evangelho, para levar a fé àqueles que ainda jazem nas

trevas e nas sombras da morte; e o meu espírito estreme-
cerá à visão das magníficas conquistas que eles farão. E
será esta nossa Parma que os terá enviado e os seguirá
com admiração e amor”.

Deste discurso é que surgiu a designação “Ninho
dos Filhotes de Águia”, com a qual se começou a chamar
a Casa-Mãe dos Missionários de mons. Conforti.

até o ponto em que terminava a antiga cidade com os seus muros. Além dos muros estendia-se uma vasta planície que servia para as manobras militares e era chamada Campo de Marte. No fundo, um terreno entre o rio e algumas casas velhas. Mais longe, quase na embocadura da ponte Dáttaro, erguia-se um edifício solitário, de dois andares, pertencente ao bispo de Parma.

Dirigindo-se ao norte, desde aquele ponto podia-se descortinar toda a cidade, com os seus campanários, as suas cúpulas e os seus palácios. As igrejas pareciam protendidas para o sul, como que a saudar os futuros missionários. Da outra parte os montes se estendiam, como que formando uma coroa e limitavam o horizonte: além daqueles montes, o mundo longínquo daqueles que esperavam a fé.

No dia 24 de abril de 1900, uma pequena multidão se reuniu naquele espaço, já limitado por uma cerca, e o bispo Magani, em hábitos pontificais, abençoou a primeira pedra daquele que devia ser o “O Quartel General” dos Missionários Xaverianos.

Quando a pedra que acabara de ser benzida foi colocada em baixo da terra, entre o som das trombetas da banda de música dos salesianos, o bispo tomou a palavra para ilustrar o significado daquela pedra e daquele rito. Depois, comovendo-se numa visão longínqua, pronunciou palavras que se gravaram no coração dos ouvintes: “Chegará o dia, quando os meus ossos repousarem na Villetta (e se voltava para a fila de choupos distante que indicavam o cemitério da cidade), chegará o dia em que deste ninho bendito levantarão vôo os Filhotes de Águia do Evangelho, para levar a fé àqueles que ainda jazem nas

trevas e nas sombras da morte; e o meu espírito estreme-
cerá à visão das magníficas conquistas que eles farão. E
será esta nossa Parma que os terá enviado e os seguirá
com admiração e amor”.

Deste discurso é que surgiu a designação “Ninho
dos Filhotes de Águia”, com a qual se começou a chamar
a Casa-Mãe dos Missionários de mons. Conforti.

PERSEGUIÇÃO DOS BOXERS

Os dois jovens missionários de mons. Conforti chegaram a Tay-yuan, capital da província do Shan-si, na China, nos primeiros dias de maio de 1899, depois de pouco mais de dois meses da partida.

Começaram a estudar com afinco a língua. O clérigo Odoardo, tendo-se ordenado diácono, adquiriu também alguns rudimentos de medicina, e socorria os doentes que se apresentavam na residência. Porém, padre Rastelli, depois de apenas seis meses, foi enviado a uma pequena aldeia nos montes, onde as privações eram muitas; mas mesmo assim ele estava feliz.

De repente, em julho de 1900, foi deflagrada em toda a China a revolução dos Boxers. Foi uma explosão de violência, caracterizada pelo ódio contra os estrangeiros e contra tudo o que vinha do Ocidente. Era também uma reação contra os vexames exorbitantes que recaíam sobre os chineses por parte dos europeus, desde quando a Inglaterra, em 1840, tinha desencadeado a guerra ao ópio.

Houve massacres em toda parte. A caça aos estrangeiros e aos cristãos obrigou muitos a fugir e jogou nas mãos dos revoltosos aqueles que não conseguiram em tempo pôr-se a salvo. Missionários católicos e protestantes foram assassinados e milhares de cristãos foram massacrados.

Em Pequim, muitos estrangeiros e cristãos conseguiram encontrar refúgio no Quarteirão das Legações e

no forte do Petang, de propriedade francesa, onde organizaram uma heróica defesa: um pequeno núcleo de soldados resistiu aos assaltos sempre intermitentes de uma multidão enfurecida. A resistência durou dois meses. Depois, chegaram os soldados europeus e os boxers se puseram em fuga. Até a Imperatriz regente Tse-shi abandonou Pequim.

A missão dos Franciscanos de Tay-yuan, onde se encontravam os nossos, foi um epicentro da revolta. Aos primeiros dias de julho, bandos de boxers assaltaram e incendiaram a residência dos missionários protestantes. Os dois bispos católicos, dom Gregório Grassi e dom Francisco Fogolla, crendo se tratar de quadrilhas rebeldes pediram proteção ao governador: foi como se o cordeiro pedisse proteção ao lobo.

O governador Yu-hsien odiava os europeus e secretamente dirigia os boxers. Com a desculpa de protegê-los, mandou escoltar os dois bispos, outros dois missionários, sete irmãs e alguns seminaristas em um templo budista da cidade. Desconhecedores da sorte que lhes estava reservada, os pequenos seminaristas brincavam alegres quando um agente do governo se aproximou de dom Grassi e lhe sugeriu, em voz baixa, que mandasse aqueles jovens fugirem. O bispo respondeu que na estrada eles corriam maior perigo...

Não passou muito tempo e sentiu-se um grande ruído de gente que se aproximava. As portas se abriram de par em par e uma onda de soldados enfurecidos se lançou sobre aquele grupo inerte, ferindo ferozmente a todos com as espadas. Nem mesmo os pequenos seminaristas foram poupados. Era o dia 9 de julho de 1900.

A notícia se espalhou logo por toda a província e os missionários que moravam nas várias aldeias se puseram em fuga. O padre Caio Rastelli, disfarçado de camponês, fugiu para o norte, através da Grande Muralha e encontrou finalmente refúgio na Mongólia, na residência fortificada dos missionários belgas de Scheut. Poucos dias antes, lá chegara também padre Manini.

Telegramas de Tientsin e de Xangai tinham anunciado à Europa a deflagração da revolta e davam notícias da morte de missionários em Tay-yuan. Mas as notícias eram muito vagas: mons. Conforti e a sua pequena comunidade viviam angustiados.

O fundador orava e pedia que orassem, mas não ocultava a possibilidade de que os seus dois primeiros missionários estivessem mortos.

Só no fim de dezembro daquele ano, chegou uma carta da China: os dois xaverianos estavam salvos!

UMA GRANDE CASA VAZIA

A alegria pela salvação de seus filhos na China tinha feito irromper do coração do fundador um hino de agradecimento ao Senhor por ter conservado as suas primícias: “Seja bendito o Senhor que vos conservou para o afeto da nossa humilde Congregação!”.

Mas a alegria durou pouco. No dia 1º de março de 1901, chegou um telegrama da China anunciando a morte do padre Caio Rastelli, ocorrida no dia 28 de fevereiro. Foi vítima de tifo e o seu organismo, enfraquecido pelas fadigas da fuga, não resistiu. Morreu com 29 anos, depois de 22 meses de missão.

A dor de mons. Conforti foi grande: morreu seu filho primogênito, a missão da China desabou. Só lhe restava agora fazer voltar para a pátria o jovem Manini, que estava só.

A esta dor se juntou outra: os seus aspirantes missionários, um a um, iam embora! Que teria acontecido?

O fundador, que sentiu necessidade de um edifício mais amplo, notou que a maioria dos jovens que ele havia recebido e admitido não tinha uma verdadeira vocação: depois de algum tempo se retiravam para entrar no seminário ou para voltar a suas famílias. Acreditou então usar um método mais rigoroso na seleção. Antes de tudo excluiu os menores das séries do primeiro grau, admitindo somente os do segundo grau e os estudantes de teologia. Aos que já haviam entrado propôs claramente uma opção. O instituto esvaziou-se.

Ficaram somente cinco: um sacerdote que tinha acabado de se ordenar, três estudantes de teologia e um do segundo grau. Seu mundo se desmoronava. O cônego Conforti para dar coragem a si mesmo e o pequeno rebanho, dizia: “Nolite timere, pusillus grex” (não temas, pequeno rebanho).

Chegou o ano de 1902. Odoardo Manini voltou da China e foi ordenado sacerdote. Outros três jovens do último ano de teologia se preparavam para o grande passo. Mons. Conforti se animava e já planejava mandar para a China, no ano seguinte, os novos padres guiados por Manini, já experimentado. Mas algo em Odoardo Manini causava perplexidade. De fato, algum tempo depois, ele pedia ao bispo de Parma que o recebesse entre os seus padres.

Para tornar mais dramática a situação interveio um fato novo e inesperado: mons. Conforti foi convidado para ir a Roma em 15 de maio. Com grande ansiedade se apresentou ao Papa que lhe disse: “Chamei-o para lhe dizer que o destinei para arcebispo de Ravenna”.

Com lágrimas nos olhos mons. Conforti suplicou a Leão XIII que não lhe impusesse um tal peso. Aduziu sua pouca virtude, a saúde fraca e argumentou também que o seu pequeno Instituto dependia dele. Foi inútil. Naquela noite mons. Conforti teve febre.

UMA PESADA CRUZ EPISCOPAL

Mons. Conforti teve de deixar o seu “pequeno rebanho”, para doutrinar um rebanho maior que tinha necessidade de um pastor.

Entrou em Ravenna na véspera da Epifania de 1903, à noite, quase nas pontas dos pés, para evitar possíveis demonstrações anticlericais. Com efeito, Ravenna tinha sido objeto de propaganda antieclesiástica e anti-religiosa por parte do partido republicano. As recordações de um governo pontifício, que havia desprezado aquelas populações, tinham fomentado as ações dos mal-intencionados. As igrejas estavam desertas, as crianças não eram mais batizadas e os mortos eram levados ao cemitério sem sacerdote, acompanhados por bandeiras tricolores.

O novo bispo pensou que o seu primeiro dever era aproximar-se do povo. Assim, iniciou a visita pastoral, indo até as regiões mais afastadas, recebido às vezes com indiferença e às vezes com manifesta hostilidade.

Pensando que o mal vinha sobretudo de ignorância religiosa, dom Conforti começou logo a organizar as aulas de catecismo em todas as paróquias e a mobilizar a Ação Católica para um apostolado mais eficiente. Mas as suas solitudes se voltaram sobretudo para o seminário que considerava como a pupila dos seus olhos. A sua bondade, gentileza e espiritualidade impressionavam profundamente o ânimo dos seminaristas que se sentiam levados ao bem pelo seu bispo.

Ficaram somente cinco: um sacerdote que tinha acabado de se ordenar, três estudantes de teologia e um do segundo grau. Seu mundo se desmoronava. O cônego Conforti para dar coragem a si mesmo e o pequeno rebanho, dizia: “Nolite timere, pusillus grex” (não temas, pequeno rebanho).

Chegou o ano de 1902. Odoardo Manini voltou da China e foi ordenado sacerdote. Outros três jovens do último ano de teologia se preparavam para o grande passo. Mons. Conforti se animava e já planejava mandar para a China, no ano seguinte, os novos padres guiados por Manini, já experimentado. Mas algo em Odoardo Manini causava perplexidade. De fato, algum tempo depois, ele pedia ao bispo de Parma que o recebesse entre os seus padres.

Para tornar mais dramática a situação interveio um fato novo e inesperado: mons. Conforti foi convidado para ir a Roma em 15 de maio. Com grande ansiedade se apresentou ao Papa que lhe disse: “Chamei-o para lhe dizer que o destinei para arcebispo de Ravenna”.

Com lágrimas nos olhos mons. Conforti suplicou a Leão XIII que não lhe impusesse um tal peso. Aduziu sua pouca virtude, a saúde fraca e argumentou também que o seu pequeno Instituto dependia dele. Foi inútil. Naquela noite mons. Conforti teve febre.

Nos primeiros dias de agosto daquele ano foi para Grammatica, uma pequena aldeia no Apenino parmense, esperando descansar e restabelecer-se. As suas condições físicas não melhoraram. O médico diagnosticou bronquite forte, mas Conforti — impressionado pelos repetidos jorros de sangue — desconfiou que se tratasse de uma piedosa mentira para não impressioná-lo. Aliás, a hipótese de tuberculose já havia sido apresentada por um médico: o exame deu negativo, mas ele se sentia extremamente fraco e estava convencido de que tinha pouco tempo de vida.

Nessa situação pensou que fosse seu dever apresentar ao Papa a sua renúncia. Pio X, que conhecia pessoalmente dom Conforti e que o estimava muito, respondeu-lhe que lhe mandaria um bispo auxiliar: bastava que ele continuasse com a direção, evitando toda estafa.

Dom Conforti disse que a arquidiocese de Ravenna necessitava de um bispo em plena eficiência. Com pesar, Pio X concedeu-lhe a solicitação.

Assim, no dia 22 de outubro daquele ano, dom Conforti deixou Ravenna para voltar a seus filhos. Aí ele pensava passar os seus dias — que não seriam muitos — educando muitos jovens queridos e ansiosos das pacíficas conquistas da fé e do martírio.

BISPO DE PARMA

Tendo deposto as vestes episcopais e vestido a simples túnica negra dos padres diocesanos, dom Conforti vivia simples e humildemente no seu Instituto, dedicando-se à formação dos aspirantes missionários. Do passado episcopal só lhe restou o título de arcebispo, mas transferido — com uma ficção jurídica — a outra sede: uma sede que não existia mais, mas que tinha o significativo nome de “Stauropoli”, cidade da cruz: a cruz continuava a ser a sua herança.

Na calma do seu Instituto e no clima da cidade em que havia passado toda a sua juventude, a saúde de dom Conforti começou a melhorar: os jorros de sangue cessaram, a tosse ficou mais rara e menos violenta, até desaparecer totalmente; às vezes dom Conforti se perguntava se não se tinha apressado a ceder a um falso alarme...

Já haviam decorridos três anos desde a sua renúncia, quando um dia lhe chegou uma carta do Papa Pio X. Começava com estas palavras: “Somos dois a lhe pedir um favor...” Os dois eram o bispo de Parma e o próprio Papa. O favor era aceitar a nomeação do coadjutor de dom Magani, já avançado em idade: coadjutor com direito à sucessão. Dom Conforti obedeceu.

Poucos meses depois o bispo de Parma inesperadamente morreu e dom Conforti entrava na sucessão. Era o dia 12 de dezembro de 1907. Oficialmente tomou posse da diocese no dia 25 de março de 1908, festa da Anunciação.

Não era uma diocese fácil a que herdava de dom Magani: mais de trezentas paróquias espalhadas desde o rio Pó aos mais íngremes precipícios do Apenino. A população, fundamentalmente cristã, já havia sido atacada pela propaganda anti-religiosa do socialismo e os problemas de uma recuperação espiritual se impunham. Também entre o clero havia certa discórdia. Dom Conforti se apresentou ao seu povo com uma comovente carta pastoral, na qual expunha em grandes linhas o seu programa: “Estarei no meio de vós, não para mandar, mas para servir, para orar, suplicar, admoestar. Se tiver de combater o erro e o vício, nunca alimentarei rancor contra os que erram: poderei ser contrário, não inimigo”.

E mais adiante, fazendo alusão aos partidos que já dilaceravam a Itália, acrescentava: “A minha política será sempre o Evangelho, o meu partido unicamente o do Cristo, o partido que de frente erguida e com palavra serena inculca os direitos e as razões de Cristo e propugna por eles. O meu programa... dar a conhecer e amar a Cristo e a sua obra”.

Mas os primeiros gestos do novo bispo, depois de um encontro obrigatório com as várias autoridades, foram para os seus filhos mais necessitados: foi visitar as crianças doentes do Hospital Pediátrico, e depois os idosos do Hospital dos Incuráveis. No dia 3 de abril deixou Parma para visitar um pároco idoso gravemente doente, o padre Paulo Biachi de Ravadese. Nos primeiros dias de maio, depois da Páscoa, foi ter com os mais infelizes de seus filhos, os encarcerados, às vezes mais infelizes que culpados; no mês seguinte foi a Certosa, onde estavam recolhidos os menores do instituto correcional: dolorosa visão daquilo em que podem transformar-se as crianças e os adolescentes quando falta uma séria educação religiosa.

Mas aquele primeiro ano reservava ao bispo uma bem penosa ocorrência:

Os salários de fome levaram os trabalhadores agrícolas do campo parmense a se insurgirem contra os patrões, fechados no seu egoísmo cego. A partir de 1ª de maio daquele ano de 1908, os trabalhadores braçais, os assalariados e arrendatários cruzaram os braços.

As hortaliças, no ponto de serem colhidas, secavam no campo. O trigo já na espiga se dobrava nas hastes e deixava cair na terra árida os seus grãos preciosos. Dava pena olhar o campo. Mas a coisa que dava mais pena eram os animais. De todos os sítios se ouviam os mugidos dilacerantes das vacas leiteiras deixadas sem forragem e sem serem ordenhadas. Os mesmos que cuidavam do gado sentiam seu coração dilacerar-se e eram tentados a correr em seu socorro; mas o sindicato tinha ordenado que fossem duros, por amor dos próprios filhos.

Os patrões enfureciam-se nas suas casas e acudiam como podiam os animais. Mas onde as vacas leiteiras eram numerosas, os braços dos familiares não bastavam e foi necessário prover de outro modo. Viram-se assim as estradas invadidas por manadas mugindo, que os donos comboiavam para as províncias vizinhas para que não morressem de fome.

Depois se desencadeou a reação furiosa dos patrões: os arrendatários foram expulsos de suas casas e todos os braçais despedidos. Entretanto, das províncias vizinhas começaram a afluir outros braçais, recrutados entre a gente pobre que passava fome. Os grevistas os recebiam com gritos de “fura-greve” e muitas vezes se lançavam sobre eles com furor. A polícia teve muitas vezes de intervir.

No dia 19 de junho, depois de 50 dias de greve, viu-se chegar a Parma um trem especial com mais de mil trabalhadores voluntários: era um desafio! Os sindicalistas reagiram proclamando a greve geral de todas as categorias: houve a paralisação. Em seguida, os grevistas desceram para a praça e atacaram apedrejando e atirando. A polícia teve de intervir com a força e ocupou a Câmara do trabalho, de onde partiam as ordens. Os sindicalistas foram dispersos e a alma do movimento, o secretário sindical Alceste De Ambris, teve de fugir.

Assim, depois de 57 dias, terminou quase sem resultado uma greve que marcou por ter sido a primeira do gênero na Itália e que ainda é citada nos textos de história.

Dom Conforti acompanhou com ansiedade paterna as fases da luta, intervindo várias vezes para levar a paz. Antes que as desordens se desencadeassem, exortou à paz e à concórdia “com o afeto solícito de um pai preocupado com o bem e com o futuro dos seus filhos”. Dirigiu a palavra aos trabalhadores, palavra de encorajamento e de esperança, mas ao mesmo tempo os exortava a fugir da violência e do ódio; lembrou aos patrões que os trabalhadores eram seus irmãos e como tais deviam ser tratados: “O direito de propriedade é sagrado e inviolável, mas a avidez desmedida de enriquecer é condenada pela lei natural e evangélica. Sede sempre humanos, generosos, descendentes”.

Infelizmente os seus apelos não foram ouvidos.

POUCO “CONFORTO” E MUITAS DORES

Depois da sua renúncia como arcebispo de Ravenna, dom Conforti tinha dito jocosamente a algum dos seus: “Em Ravenna, de *conforto* tive somente o nome”. Pode-se também dizer que em Parma as consolações foram poucas e as aflições muitas.

Entre as consolações que alegraram os primeiros anos do seu retiro em Campo de Marte devemos assinalar o “*Decretum Laudis*”, ou seja, um documento da Santa Sé com o qual se reconhecia o pequeno Instituto, mesmo sem a aprovação das suas Constituições: isto acontecia em março de 1906. No mesmo ano, ao pequeno grupo de missionários na China — somente sete, dos quais o mais velho tinha 32 anos — se reconhecia a capacidade de governar por si mesmos um vasto território que havia sido separado das missões dos Padres do P.I.M.E.¹ e confiado aos Xaverianos: 30 mil quilômetros quadrados, com uma população de sete a oito milhões de habitantes. No dia 23 de junho daquele ano, o padre Luís Calza, 27 anos, foi nomeado Prefeito Apostólico da nova missão do Honan ocidental.

Na Itália as vocações aumentavam, mesmo a contagotas. Em 1907 Conforti enviou à China mais dois missionários, enquanto outros dois partiram em 1909.

(1). O Instituto para as Missões Estrangeiras de Milão foi fundado em 1850 pelo bispo dom Angelo Ramazzotti e pelo episcopado lombardo. Em 1926, unindo-se ao Pontifício Seminário dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo de Roma, recebeu o título de “Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras” (P.I.M.E.).

Mas a provação estava às portas. No dia quatro de julho de 1908, morria na China o jovem missionário padre Vicente Dagnino, com 24 anos, que havia chegado há pouco mais de um ano. Morreu de varíola hemorrágica, por ter assistido um confrade atingido pelo mesmo mal. Conforti ficou profundamente abalado: “Só a dor de uma mãe pela morte do próprio filho — escrevia naqueles dias — pode ser comparada, penso eu, ao que senti em tão lutuosa circunstância”.

Um ano depois, outro luto: o jovem missionário padre Corrado Di Natale, 23 anos, morria de uma misteriosa febre, depois de apenas 40 dias na China. Quando chegou a notícia à Itália, o bispo Conforti não estava bem e se achava em Levico, Trento, em tratamento. Não se sabia como lhe dar a triste notícia. Pediram-lhe que celebrasse uma missa por um defunto, sem dizer-lhe quem era. Só uma semana mais tarde a verdade foi revelada. Conforti chorou: “Deus nos quer provar com as tribulações, chamando para si os melhores; a nós só nos resta chorar, orar e resignar-nos à vontade divina”.

Mas outros sofrimentos viriam da sua Parma.

Difundi-se naqueles anos, por toda a Igreja, uma inquietação, uma impaciência, um desejo de novidade que atingiam sobretudo os padres e os teólogos. O Papa Pio X condenou explicitamente algumas posições erradas daqueles homens, talvez bem-intencionados, que semeavam mal-estar e desordens na Igreja. Dom Conforti fez eco ao Papa, condenando os erros do assim chamado Modernismo e admoestando o seu clero a não se deixar envolver. Mas, em 1911, manifestaram-se também em Parma algumas vozes de divergência. Dom Conforti interveio pron-

tamente, admoestando os que tinham incorrido nos erros e pedindo aos confrades sacerdotess que rezassem pela sua emenda.

Infelizmente alguns não escutaram a voz do Pastor e o bispo teve o sofrimento de ver alguns perseverar no erro e outros se afastarem da sua vocação e voltarem para o estado leigo.

Muitas vezes falava “daqueles pobrezinhos”, com lágrimas nos olhos. Fazia tudo para mantê-los no caminho reto ou para chamá-los de volta quando se afastavam. Podia escrever de si: “Não quebramos a cana fendida, nem apagamos o pavio de chama fraca, mas na confiante esperança da reconquista do filho queridíssimo, lançamos os braços ao seu pescoço, lhe demos o beijo da paz e da reconciliação, enfaixando-lhe as feridas...”

A quem lhe sugeria que fosse mais severo, respondia: “Sou pai de todos, mas especialmente dos meus sacerdotes”.

POR VALES E PRECIPÍCIOS

O pastor não pode esperar que as ovelhas venham a ele: é preciso que ele vá procurá-las. Por vales e despeñhadeiros, como pastor da parábola, o bispo Conforti foi procurar seus filhos.

Por cinco vezes, durante os seus 24 anos de episcopado, visitou uma a uma as 306 paróquias, enfrentando dificuldades e incômodos que hoje é difícil imaginar. No verão ou no inverno, ao sol ou à chuva, de trem ou de carro, em coche ou a cavalo, muitas vezes a pé, ou por veredas nas montanhas.

Uma vez caiu do cavalo ao atravessar uma torrente e saiu todo molhado. Às vezes tinha de embrenhar-se por picadas impérvias e chegava morto de cansado. As pessoas estavam esperando-o e ele, superando a fadiga, tinha para todos o mais delicado sorriso e as palavras de um bom pai.

Dirigindo uma saudação às pessoas que o acompanhavam até a igreja, punha-se no confessionário até tarde: muitos desejavam confessar com ele. Pela manhã, antes do despontar da aurora, já estava confessando até a hora da missa. Falava pela manhã e à tarde; examinava as crianças da primeira comunhão ou da crisma e depois ia visitar os doentes e rezar pelos mortos no cemitério. A toda a parte levava o seu sorriso e o seu conforto.

Acontecia-lhe, às vezes, dormir em quartos frios no inverno, ou na cozinha com a fumaça forte do fogão que se filtrava por entre as fendas desunidas; ou onde durante

os temporais penetrava a água dos tetos e não se sabia como defender-se. O bispo dividia assim a pobreza dos seus padres e se compadecia deles, procurando causar o menor distúrbio possível.

Tinha dado ordem que a comida fosse frugal e não admitia exceções. Às vezes, o pároco de alguma cidade se preocupava com a comida, pois faltava dinheiro. Foi o caso do padre Círio Santi, pároco em Casarola di Monchio, ao qual o bispo deu cinco liras para que providenciasse a comida. As mulheres prepararam a macarronada, mas o número dos comensais foi superior ao previsto, para grande desapontamento das cozinheiras. Contudo, não se sabe como, a macarronada bastou para todos e ainda sobrou. Faltou pouco para que a mãe do padre e as mulheres que a ajudavam gritassem que tinha sido um milagre. Mas com toda a certeza pensaram e o atribuíram àquele santo bispo, dom Conforti. Era o dia 28 de julho de 1926. Muitos anos depois, o padre Ciro e sua mãe Dina Gardelli, testemunharam o ocorrido com juramento.

O bom bispo era tão afável que todos falavam com ele e para cada um tinha uma boa palavra. Um dia, aproximou-se dele uma menininha que procurava furtivamente arrancar-lhe um fio das franjas da sua faixa vermelha: “Que está fazendo, menina?” perguntou amorosamente o bispo. E ela, com toda a simplicidade: “Disseram-me que você é um santo e eu quero uma lembrancinha”. O bispo sorriu e, acariciando a sua cabecinha, disse: “Não, eu não o sou ainda; mas reze para que o seja”.

O que mais o afligia nestes encontros era a constatação de que as pessoas conheciam pouco a verdade da fé. Por isso, no fim da primeira visita, lançou como um grito de alarme: “Instrução religiosa! Instrução religiosa!” Repeti-lo-á até o fim da vida e este grito será o programa fundamental do seu apostolado.

OS LEIGOS NO APOSTOLADO

O bispo estava persuadido de que o único remédio para alimentar a fé era a catequese. Ele mesmo a fazia durante as visitas pastorais e sobretudo nos domingos da quaresma, na Catedral, e em outras circunstâncias e festividades. A sua exposição era clara e precisa, mas o tom era monótono: mas quem o ouvia ficava preso as suas palavras. Ouvia-se, às vezes, as pessoas comentarem: “Fala como um santo!”. De algumas aulas que ministrou, aos universitários, disse um ouvinte: “Falou de modo sublime. Nunca ouvi ninguém falar com tanta competência e convicção. Todas as noites, quando a aula termina as pessoas dizem: este é um homem que convence, porque ele está convencido’ ”.

Naturalmente queria que seus padres dessem instrução religiosa e catequese em suas pregações. Para poder suprir as deficiências de alguns, organizou, dando-lhe nova vida, a Pia Sociedade dos Missionários gratuitos do Sagrado Coração: um grupo de sacerdotes que ele enviava diante de si, antes da visita pastoral, para uma missão popular a fim de despertar a fé e instruir os fiéis.

Mas os trabalhos dos padres não podia bastar. Era preciso animar os leigos, pedir a sua colaboração, prepará-los e lançá-los ao apostolado. Por isso, deu muita importância e muito impulso à Ação Católica. Considerava os inscritos como “participantes da missão própria da Igreja” e definia a sua ação como: “uma integração da missão

sacerdotal”. Dizia aos jovens que “constituíam a sua alegria e a sua coroa” e declarava que a Igreja punha neles as suas melhores esperanças para a reconstrução social em Cristo.

O que o distinguiu entre os bispos daquela época foi o seu cuidado na formação de catequistas de ambos os sexos. Fundou para isto uma escola superior de catequese em Parma e teve a consolação de vê-la freqüentada por muitas pessoas cheias de boa vontade. Responderam com entusiasmo sobretudo as mulheres, às quais dom Conforti não deixou, em muitas circunstâncias, de manifestar os seus elogios e o seu vivo reconhecimento. Assim, pouco a pouco, começaram a florescer nas paróquias as escolas de catecismo.

Para estimular mais padres e leigos àquele indispensável apostolado, organizou um Congresso catequético diocesano em 1913 e, em seguida, uma Semana catequética — a primeira na Itália — orientada pelos melhores mestres do tempo. Ele mesmo informava o seu clero, em várias ocasiões, do que se fazia em outros países da Europa e os novos métodos que podiam ser utilmente adotados.

O BOM SAMARITANO

Não contente daquele encontro com o seu povo por meio das visitas pastorais nas quais entrava em contato mais com as multidões do que com os indivíduos, o bispo Conforti tinha a sua casa aberta a quem lhe quisesse falar pessoalmente. Por cinco dias na semana, das 9h às 13h, recebia todos aqueles que tinham necessidade dele ou desejo de lhe falar: sacerdotes, autoridades, simples fiéis, ricos ou pobres, recebia a todos com amabilidade.

Sobre a mesa de trabalho conservava pequenos envelopes que continham um pouco de dinheiro: era para aqueles que se dirigiam a ele por alguma necessidade. Às vezes eram nobres decaídos e a oferta a estes devia ser feita com muita delicadeza, coisa que o bispo Conforti sabia fazer de uma maneira admirável.

Visitava muitas vezes os doentes em suas casas e, talvez, mais freqüentemente, no hospital. Isto aconteceu sobretudo no triste período da Primeira Guerra Mundial. Enquanto na diocese se multiplicavam as iniciativas a favor dos soldados em guerra e dos prisioneiros, o bispo ia pessoalmente visitar os feridos nos hospitais.

Os soldados recebiam a visita como um raio de sol que fazia renascer a esperança.

Uma vez aconteceu-lhe socorrer um ferido em plena estrada. Era o tempo das lutas entre facções opostas. Os fascistas tinham espancado um homem até a morte e depois o abandonaram com a cabeça esmagada e num

lago de sangue. Das margens do rio vigiavam para que ninguém lhe trouxesse socorro.

Era um carreteiro que transportava saibro da torrente Taro para Parma. Chamava-se Amleto Rossi e pertencia à esquerda, socialista ou comunista; talvez fosse um fascínora, certamente um homem sofrido pelas tristes condições em que era obrigado a viver com a sua família.

O bispo chegou ao local, voltando de uma visita pastoral. Viu o infeliz abandonado na estrada. Parou o coche, desceu e, vendo que ainda estava vivo, com a ajuda do secretário o carregou no coche e acomodou sobre seus joelhos aquela pobre cabeça dilacerada. Os fascistas não ousaram intervir.

Quando chegaram ao hospital, os enfermeiros se aproximaram desconfiados. Alguém reconheceu o carreteiro: “É você, Amleto!”.

Tomaram conta dele, mas o infeliz morreu. O bispo mandou um substancioso auxílio à viúva.

ORAÇÃO E PENITÊNCIA

O bispo Conforti tinha uma fraca saúde e muitas vezes ficava de cama: como pôde desenvolver uma atividade tão intensa? Dom Giovanni Cazzani, bispo de Cremona, na oração fúnebre para dom Conforti formula esta pergunta e responde: “O segredo, a misteriosa fonte, o alimento vital de toda esta obra maravilhosa de apóstolo e de pastor de almas, foi uma fé viva e firme, uma confiança sem hesitações na divina Providência, uma caridade inexaurível. Tudo isto era mantido por uma fervorosíssima piedade, por uma devoção profunda e terna a Cristo Crucificado e Sacramentado e a sua Virgem Mãe Maria”.

A devoção ao Crucifixo, alimentada desde a infância, logo se concretizou numa devoção íntima à Eucaristia. Passava longas horas diante do tabernáculo e às vezes noites inteiras. A Jesus vivo sob as espécies eucarísticas dom Conforti confiava as suas penas, as suas ansiedades, os seus planos; pedia-lhe pelos seus padres e pelo seu povo, implorava-lhe pela Igreja e pelo mundo inteiro. Falava-lhe pelos seus missionários na China, dos quais chegavam notícias mais freqüentemente tristes do que alegres.

Às vezes se encontrava tão imerso na oração que ninguém tinha coragem de perturbá-lo: dois alunos missionários esperaram quase três horas sem fazer-se anunciar. E o seu secretário contou que o tinha acompanhado numa igreja onde estava exposto o Santíssimo Sacramento. Num

certo ponto, o bispo lhe perguntou: “Já passou uma hora?” “Quase duas horas, Excelência”, respondeu o secretário. O bispo levantou-se confuso.

Oração e contemplação formavam o substrato daquela vida que parecia toda consagrada à ação. Os fiéis intuía a profundidade da sua vida interior e o olhavam com emoção. Ele se propôs ter sempre Jesus diante do próprio pensamento e do próprio coração: quem dele se aproximava, tinha a impressão de que Cristo transparecia nele como uma imagem em filigrana.

Além disso, a vida de dom Conforti se distinguia por uma disciplina férrea que se impusera a si mesmo por uma contínua mortificação. Levantava-se às 5:30h, enquanto a hora do descanso era, muitas vezes, retardada para despachar a abundante correspondência ou para dedicar-se à oração.

A sua compostura era admirável: nunca foi visto relaxado na sua pessoa como não se notavam nele formas fáceis de descanso, como cruzar as pernas ou apoiar-se comodamente na poltrona. Mesmo quando rezava não apoiava os cotovelos no genuflexório, ou então apenas os encostava.

Era muito sóbrio na comida: durante a quaresma e nos outros dias de preceito praticava o jejum de forma rigorosa, nunca se dispensando dele, apesar da sua saúde precária e apesar da dispensa que por vezes concedia a toda a diocese. Então, pela manhã tomava somente um caldinho de verduras, preparado com um pouco de óleo, e algumas finas fatias de pão; à noite comia uma escassa porção de bacalhau e um pouco de verdura. Não tomava vinho.

Praticou a pobreza, não se permitindo nada além do necessário. As suas vestes eram limpas e impecáveis, mas as roupas de baixo eram muitas vezes remendadas. Para não perturbar as serventes, ele mesmo pregava os botões que se soltavam.

Usava muitas vezes cilícios e flagelações, como se soube depois da sua morte, tendo-se encontrado nas gavetas tais instrumentos de penitência: talvez deles se servisse quando tinha de implorar ao Senhor a conversão de alguma pessoa.

Porém, a sua maior mortificação devia ser o perfeito domínio de si, dos próprios sentimentos: jamais perdia a calma, aparecia sempre afável, inalterado.

Assim vivia dom Conforti: uma vida simples e mortificada, uma contínua homenagem ao Senhor, com o qual queria assemelhar-se, também no sacrifício e na imolação.

CAI O IMPÉRIO NA CHINA

Dom Conforti chamava “excursões missionárias” as suas visitas pastorais e não se pode duvidar que ele pensasse nos seus filhos que estavam longe, quando os caminhos estreitos da montanha se tornavam intransitáveis. As cartas que lhe chegavam da China contavam as conquistas espirituais dos seus missionários. Falavam das suas fazendas agrícolas, o então famoso, Stanislao Solari¹; mas também falavam de miséria e de fome. Bandos de ladrões assaltavam aldeias indefesas e semeavam o terror. Uma inquietude geral percorria o “Celeste Império”.

O contato com o Ocidente levou à China novos fermentos e se fazia sempre mais forte o grupo daqueles que queriam mudanças radicais. Em maio de 1911 houve um grande movimento de protesto, seguido depois da revolta dos militares da guarnição de Wuchang. A revolta estendeu-se rapidamente por todo o Império e no dia 28 de dezembro daquele ano o Dr. Sun Yat-sen, de religião cristã, proclamou o fim da dinastia imperial e inaugurou a república. Mas a proclamação oficial acontecerá no dia 12 de fevereiro de 1912.

Enquanto se desenrolavam estes acontecimentos históricos, acontecia para o Instituto um fato de notável

(1). Stanislao Solari nasceu in Gênova em 1920 e faleceu em Parma em 1906. Foi oficial da Marinha Militar com o título de Capitão de Fragata. Em 1878 retirou-se da Marinha para dedicar-se aos problemas sociais. Em Parma dirigiu experiências no campo da agricultura, descobrindo a importância do azoto e promovendo a rotação agrária.

importância: a Santa Sé, reconhecendo a atividade apostólica realizada pelos Missionários Xaverianos, elevou a Prefeitura a Vicariato. O padre Luís Calza foi nomeado Vigário apostólico e bispo. Dom Conforti desejando ele mesmo sagrar o primeiro bispo xaveriano, pediu-lhe que viesse a Parma. Infelizmente a situação política impediu uma volta tempestiva: só um ano depois, no dia 21 de abril de 1912, dom Luís Calza poderá ser sagrado na catedral de Parma entre uma multidão exultante.

O novo Vicariato apostólico contava com 4.000 cristãos, 6.200 catecúmenos, 12 igrejas e residências, 66 capelas. Os missionários eram somente 12, mas eram coadjuvados por 64 catequistas homens e 13 catequistas mulheres. As esperanças para o futuro eram grandes.

Dom Calza ficou poucos meses na Itália, porque da China chegavam notícias sempre mais alarmantes.

A queda da dinastia imperial trouxe consigo fortes lutas entre os generais vitoriosos e desordens de toda espécie. Seguiram, companheiros de toda guerra e revolução, a carestia e a fome.

Os camponeses não puderam trabalhar nos campos por causa do enfurecimento da guerra, e aquele pouco que tinham podido semear foi destruído pela seca. Em procissões intermináveis fugiam do norte, esperando encontrar noutra parte uma forma para viver; as crianças assim que nasciam eram abandonadas à beira das estradas e as filhas adolescentes eram vendidas para ganhar alguma coisa a fim de se prolongar por mais alguns dias a precária existência.

Os missionários improvisaram orfanatos, mas as crianças recolhidas eram cada vez mais numerosas e não

se sabia como levar a vida: sobretudo as meninas eram para ser jogadas nos campos. Mas este terrível período passou e a missão retomou com novo alento as obras de assistência e evangelização.

Infelizmente, ao tempo sereno na China correspondeu um cataclisma de proporções gigantescas na Europa: a Primeira Guerra Mundial.

Durante mais de quatro anos não chegava ajuda da Itália e os missionários tiveram de reduzir as suas atividades, à espera de tempos melhores. Na Itália as vocações tiveram uma brusca parada.

Foi exatamente durante esta parada forçada de toda atividade apostólica nas missões que um zeloso sacerdote, o padre Paulo Manna do Pontifício Instituto Missionário das Missões Estrangeiras de Milão, concebeu a idéia de uma mobilização geral do clero em favor das missões. “Os padres devem ser a alma da cooperação missionária, pensava o padre Manna: devem ter consciência de que foram ordenados para o mundo inteiro e que é seu dever criar nos fiéis uma consciência missionária.”

Não sabendo como realizar este seu projeto, padre Manna foi ter com dom Conforti. Nasceu, assim, a União Missionária do Clero que em pouco tempo conquistou o coração dos padres de todo o mundo. Dom Conforti foi o primeiro presidente da União e nela trabalhou com um zelo admirável durante dez anos, isto é, até 1927, quando a obra já havia se tornado forte e ardorosa.

Imediatamente depois da guerra houve também um reflorescer de vocações. Dom Conforti pensou em fundar uma casa de recrutamento na diocese de Vicência e com sua grande consolação viu que logo ela se enchia de jo-

vens. Em 1920 inaugurou em Parma o primeiro noviciado regular com 16 noviços. Nos anos seguintes foram ainda mais numerosos. Em 1921 a Congregação para a Doutrina da Fé aprovou as Constituições do Instituto e o fundador se viu obrigado a acrescentar uma nova ala ao edifício da Casa-Mãe.

BARRICADAS EM PARMA

A guerra passou como um furacão. Todas as nações estiveram envolvidas nela. Nos quatro anos da sua duração, 1914-1918, produziu estragos dos quais nunca se tivera recordação na história. Calculavam-se uns 20 milhões de mortos: só a Itália chorou 600 mil vítimas.

A Europa estava semeada de ruínas; parecia que a humanidade havia voltado no tempo alguns séculos.

As indústrias desmoronadas, a agricultura abandonada, os espectros da desocupação e da fome estavam iminentes. Os soldados que voltavam da frente de batalha, estavam sem trabalho. Esta era a Itália do pós-guerra.

Nesta situação, o partido socialista se tornou o intérprete dos descontentes e desencadeou uma exasperada luta de classe.

Em 1919 separou-se do partido socialista uma seção com fortes “tintas” nacionalistas: prometia defender a honra dos militares insultados nas ruas e restabelecer a ordem, já comprometida por contínuas greves: chamou-se fascismo.

Dois anos depois, em 1921, separar-se-á do socialismo uma outra facção maximalista: o comunismo. Assim, em 1922, encontraram-se frente a frente dois extremos: de direita e de esquerda, fascistas e comunistas, reforçados estes últimos pelas alas mais reformistas do partido socialista.

Parma tinha-se tornado o epicentro da luta social. A zona da cidade chamada Além-torrente era a fortaleza da resistência socialista. Um choque entre as facções opostas parecia inevitável. Inutilmente o bispo gritava: “Paz! Já se derramou sangue demais nos campos de batalha, já muitas lágrimas foram derramadas... Paz, irmãos, paz!”.

No fim de julho de 1922 foi desencadeada na Itália uma greve geral contra o avanço fascista. Mussolini ameaçou graves represálias se a greve não parasse. Parma respondeu levantando barricadas.

O Além-torrente estava em pleno pé de guerra. Dirigia a revolta Guido Picelli, deputado socialista. Tinha em volta de si um grupo de 300 seguidores, prontos para tudo; mas o contingente mobilizado constituía um exército de cerca de 20.000 pessoas.

As operações dos fascistas eram comandadas por Ítalo Balbo que viera de Ferrara com os seus camisas-negras. Na noite de dois para três de agosto, caminhões de fascistas chegaram às cidades vizinhas. O exército deles continuou a aumentar durante todo o dia.

Começou-se a atirar nas barricadas. Um garoto de 14 anos foi morto perto da estação. Outros quatro jovens morreram em diferentes pontos da cidade.

Dom Conforti estava em visita pastoral em Torrile. Avisado das desordens, voltou para a cidade em carro descoberto, passando pelo Além-torrente: os “Intrépidos do povo” se apressaram a liberar a estrada para que o bispo passasse; todos o aclamavam.

No dia quatro os fascistas lançaram-se à represália: vários edifícios e casas foram saqueados e os móveis incendiados. Depois dirigiram-se ao além-torrente. Mas na

Ponte Bottego encontraram as tropas do exército regular, prontas a atirar se avançassem. Balbo retirou os seus.

A tensão estava no máximo. Neste momento o bispo de Parma pediu para ser recebido por Balbo.

À tarde do dia cinco, no albergue Croce Bianca, foi recebido com honras militares. E aqui cedemos a palavra ao próprio Balbo. Ele escreveu no seu diário: “O bispo passou entre duas fileiras de militares que lhe rendiam as honras. Recebi-o com todo o meu estado maior. O Bispo declarou, com nobres palavras, que punha à disposição toda a sua autoridade para uma tentativa de pacificação. Respondi expressando todo o meu reconhecimento: ‘Inclinamo-nos reverentes diante da alta autoridade do Pastor. Os fascistas só desejam uma coisa: restaurar a ordem e a liberdade; e antes de tudo, a liberdade religiosa. Nobilíssimo é o ato de piedoso interesse do bispo; mas é impossível aproveitar a oferta da paz. Não podemos desocupar Parma’ ”.

O secretário do bispo lembra que dom Conforti ficou consternado e em oração até a meia-noite daquele cinco de agosto. E exatamente a partir da meia-noite começou o êxodo silencioso, quase às escondidas, dos camisas-negras.

A voz popular atribuíra à mediação de dom Conforti e às suas orações o êxito inesperado: na realidade o exército havia se colocado em pé de guerra mas, finalmente, o bom senso prevaleceu.

Ítalo Balbo não esquecerá aquela figura suave e sofrida de bispo e quando souber da sua morte enviará um cordial telegrama de pêsames.

A CHINA DOS ANOS VINTE

Entre as mil atividades da sua missão pastoral e as preocupações pelo clima político e social que se criou na Itália, o pensamento de dom Conforti ia muitas vezes para os seus filhos que estavam longe.

No decênio 1914-1924, na missão dos xaverianos, foram fundados pequenos seminários para aspirantes ao sacerdócio, buscou-se soluções à assistência aos órfãos e aos enfermos nos hospitais com o auxílio das Irmãs Canossianas e com a fundação de uma Congregação de Irmãs chinesas. Foram construídas igrejas e capelas, multiplicaram-se os catequistas e se impulsionou às conversões todo o núcleo familiar. O Fundador estava radiante com estas notícias.

Mas novas nuvens adensavam-se no horizonte.

A China era composta de vários estados ou províncias, com a própria capital, o próprio Governador e o próprio exército. Ora, enfraquecendo-se o poder central, as várias províncias tendiam a consolidar a sua autonomia. Muitas vezes os governadores eram generais que governavam o seu feudo com mão de ferro e viviam em luta entre si. É fácil imaginar a quantos incômodos e afrontas o pobre povo estava submetido.

Por volta de 1925 um jovem general do Sul, Chang Kai-Chek, começou a prevalecer sobre os outros e iniciou uma marcha em direção ao Norte, partindo de Cantão. No seu exército militavam muitos comunistas em estreita união

com a Rússia, que havia enviado para lá os seus conselheiros políticos e militares. A marcha revolucionária constituiu uma verdadeira guerra civil que semeou em toda parte desolação, massacres e miséria.

A inspiração anti-religiosa e atéia dos comunistas se fez sentir pesadamente sobre as missões: freqüentemente as obras eram destruídas e alguns missionários assassinados.

O Honan foi um verdadeiro campo de batalha. Leia-mos o que escreveu dom Luís Calza ao Fundador:

“Este ano de 1927 foi para o meu Vicariato apostólico um dos mais infelizes da sua existência. Foi um contínuo seguir-se de miséria e desventuras...

A região que procuramos evangelizar foi o teatro de quatro guerras entre os grandes marechais da China. Não se tinha ainda constituído um governo e já era derrubado por um outro exército mais poderoso. O povo não tinha ainda saído dos lugares de refúgio e já chegavam outras tropas e o rechaçavam outra vez. Guerra combatida com todo o encarniçamento de quem ambiciona o poder e busca os interesses dos caudilhos: supressão dos que se opunham, expoliação das cidades e das aldeias; o pobre e o rico beberam no mesmo cálice de angústias e de dores.

As misérias espirituais a que devemos assistir são bastante tristes. O comunismo devastava as estradas imperiais e os caminhos dos campos. Idéias nocivas e insensatas encontraram propagandistas de todas as classes; foram pregadas nas praças, nas escolas, nos hotéis e até em nossas igrejas. O ódio contra nós e contra a religião que pregamos, foi inculcado em nome da pátria. Nós mesmos ouvimos o grito blasfemo ‘abaixo à religião’ reboar sob

as abóbadas da nossa Catedral. Vimos os altares violados, as imagens barbaramente mutiladas, as alfaías sagradas destruídas ou empregadas em usos profanos.

Três residências principais e várias secundárias foram completamente saqueadas; todas, inclusive a minha, foram ocupadas pela soldadesca por meses e meses, com danos incalculáveis.

Do ponto de vista espiritual: interrupção quase total do trabalho missionário, dispersão dos cristãos, desconfiança e hostilidade suscitadas pela propaganda comunista e atéia: tudo isso pesará sobre a nossa obra mesmo no futuro”.

Depois da guerra, o banditismo. Os exércitos derrotados ou os soldados que desertavam eram aos montes e formavam quadrilhas armadas até os dentes: assaltavam cidades e aldeias, saqueavam, faziam reféns e iam embora deixando atrás de si ruínas fumegantes. As tropas regulares os combatiam, mas não raro eles mesmos cometiam os mesmos desmandos. Era em suma a desolação e o terror.

No final daquele ano de 1927, três missionários xaverianos caíram vítimas dos bandidos. Levados para longe, ameaçados continuamente de morte, tiveram de caminhar nos montes, de dormir no chão duro e sem cobertores, no frio do inverno de dezembro. Pedia-se para seu resgate a soma de 150.000 dólares e 50 fuzis Mauser. Uma coisa impossível.

A quadrilha se deslocava continuamente, o alimento era escasso e as ameaças e os insultos eram contínuos.

Um telegrama anunciou ao bispo Conforti a triste ocorrência. Escreveu a dom Calza “com o coração em

lágrimas”: “Não nos resta senão reduplicar as orações para que o Senhor disponha o que é melhor para estes caríssimos confrades nossos duramente provados”.

A carta era do dia 22 de dezembro. Dois dias depois, na véspera de Natal, um estranho mensageiro chegou até o lugar em que se encontrava a quadrilha: era um cristão, parente de um dos bandidos. Um dos missionários lhe entregou um bilhete a lápis para ser enviado a “Sua Excelência, dom Conforti, bispo de Parma, Italy”. Apesar de endereço insuficiente, o bilhete chegou, dois meses após sua emissão. Nele estava escrito:

“Espera-nos a morte? Se é necessária a vítima, estou à disposição. Do céu não deixarei de orar pela conversão do mundo infiel e pelos bandidos que me agarraram... Agora e sempre pela vida ou pela morte, quero ser filho da Congregação de São Francisco Xavier”.

*Devotíssimo filho,
Pe. Antônio Munaretti*

Quando a carta chegou, os missionários já haviam sido libertados, sem resgate e só com o envio de alguma oferta por parte do bispo.

“Reflorescerá esta querida missão em um tempo não muito distante, depois do rigoroso inverno da tribulação”, escreveu dom Conforti ao bispo Cheng Chow. De fato, depois destes acontecimentos, houve uma relativa calma na missão, tanto que dom Conforti começou a pensar seriamente em visitar a China.

QUARENTA DIAS NA CHINA

Dom Conforti estava com 63 anos, mas a sua saúde, sempre precária, estava gravemente comprometida. O médico desaconselhou-o decididamente da sua viagem à China. Mas as razões do coração prevaleceram sobre qualquer outra consideração. Que importava se depois daquela viagem ele morresse? Lá na China cantaria o seu *Nunc dimittis*...

Partiu de Marselha num navio francês no dia 21 de setembro de 1928, acompanhado de um veterano, o padre Giovanni Bonardi, e por um novato, que devia representar o dom do Pai à missão.

Chegou a Xangai no dia 26 de outubro, depois de 35 dias de viagem. Dom Luís Calza, o seu primogênito, estava lá para esperá-lo. Teve notícia da visita quando se encontrava nos montes, numa longínqua comunidade. Montou a cavalo imediatamente até a estação mais próxima. Conseguiu pegar um trem de carga, carregado de carvão. Chegou a Cheng Chow sujo de fumaça e de pó, mas a tempo de trocar-se e tomar novamente o trem. “Não se pode dizer o quanto o encontro foi cordial...” escreverá dom Conforti.

Chegaram a Cheng Chow na tarde de primeiro de novembro e foram à Catedral. Aqui deixamos a palavra ao padre Vittorino Vanzin, testemunha ocular.

“A noite de inverno envolvia a Catedral onde se aglomeravam os cristãos. As luzes do altar-mor, filtran-

do-se através das janelas, lhe davam o aspecto de uma nave em alto mar. O primeiro verso do *Te Deum* percorreu a nave e as vozes de todos transformaram-se num coro desordenado, mas fortíssimo. Cantavam as palavras latinas incompreensíveis, estropiando-as com toda a força dos pulmões. Mas era aquela a linguagem de Deus e todos entendiam.

Quando as últimas palavras se amorteceram nas abóbadas do templo, de repente, no silêncio absoluto, ouviu-se uma voz clara repetir firmemente: *In te Domine speravi, non confundar in aeternum* (Esperei em ti, ó Senhor, não serei confundido eternamente)”.

Depois o recebeu o grande campo chinês. Visitou os seus filhos nas suas residências, nas cidades populosas ou em aldeias perdidas nos montes. Chegava lá por todos os meios de transporte: ia de carro chinês dando solavancos nos buracos dos carreiros, nas liteiras dos mandarins, na carrocinha puxada por um homem. “Pude admirar o heroísmo dos nossos missionários — contou comovido aos seus concidadãos de Parma quando voltou. — Percorri os caminhos difíceis que eles batem, experimentei todos os meios de transporte de que se servem, hospedei-me nas suas humildes residências, sentei-me a sua mesa parca e sobretudo vivenciei as dificuldades que eles encontram no exercício do seu ministério e o grande bem que eles fazem”.

Voltou no dia quatro de dezembro, depois de ter celebrado a festa do patrono São Francisco Xavier juntamente com os seus filhos.

Na esperança de chegar pelo Natal a sua Parma, empreendeu viagem de volta pela linha ferroviária

transiberiana, através de uma Rússia declaradamente atéia e contrária a toda religião. Viajou com a veste talar de simples padre e, em vez de insultos, encontrou a veneração de muitos passageiros. Atravessou assim o frio glacial da Sibéria, encontrando 42 graus abaixo de zero em *Ircutsk*. Chegou a *Varsavia* na véspera de Natal, já impossibilitado de alcançar Parma para as solenidades. Chegou em sua cidade no dia 28 de dezembro às 12h. Na estação uma multidão numerosa esperava-o. As aclamações, os gritos de alegria, a exultação do seu povo o comoveram profundamente: sentia-se amado como um pai, correspondido pelos filhos no seu amor.

Cansado da viagem mas exultante, o bispo entrou na catedral seguido por um povo em festa. Cantou o *Te-Deum*, depois contou as maravilhas realizadas por Deus por meio dos seus filhos na longínqua China.

Os fiéis, comprimidos em redor do seu bispo na Catedral repleta, escutavam-no com grande interesse, talvez surpresos de que seu bispo se apaixonasse por um outro rebanho com a mesma emoção com que falava de seus filhos de Parma.

Penetraram então a alma missionária de dom Conforti: compreenderam que o Instituto das missões era deles e que aqueles que partiam eram enviados pela sua própria Igreja. O pastor soubera envolvê-los na sua solicitude apostólica. Bispo e pai de missionários, soube unir em si, de maneira admirável, a tarefa pastoral e a missionária. Aos 25 anos da sua morte, o cardeal Roncalli, futuro Papa, dirá num célebre discurso: “Bispo de Parma e missionário do mundo inteiro”. Não se podia dar uma definição melhor de dom Conforti.

A MINHA HORA ESTÁ PARA CHEGAR

Para dom Conforti a viagem à China foi muito cansativa. Lia-se a fadiga em seu rosto. Cheio de incômodos e com o coração em desordem, as pernas inchadas e a respiração difícil, dava a impressão de um envelhecimento precoce.

Em vão seus missionários lhe pediam que descansasse; em vão os sacerdotes que lhe estavam mais próximos tentavam detê-lo em suas santas iniciativas. Respondia às solicitações com um sorriso: “Tenho ainda muito que fazer... Desejo morrer no campo de batalha”. Sentia que os dias que lhe restavam eram poucos e se apressava a realizar o que julgava necessário para completar a sua obra.

Para o seu Instituto convocou o primeiro Capítulo geral para agosto de 1929: fizeram-se leves modificações nas Constituições e foi aprovado um Estatuto para as Missões da China, no qual se instituiu a nomeação de um superior religioso, distinto do superior eclesiástico, e se estabelecia a vida comunitária.

O seu Instituto começava a florescer. As vocações aumentavam e as esperanças para o futuro eram muitas. Se um espinho lhe ficava ainda no coração, era a extrema pobreza em que se encontravam os seus aspirantes missionários, no imediato pós-guerra e na crise econômica que se propagou nos anos de 1928 e 1929. O Instituto sentiu esta crise de maneira bastante grave. Segundo as próprias

palavras de dom Conforti: “A pobreza era praticada em toda a sua extensão... Nenhum Instituto em Parma era tão pobre que se contentasse com tão pouco... A Providência, escrevia ainda o fundador, fazia chover o necessário, dia a dia, gota a gota”.

Aconteceu ter que adiar a partida de um missionário porque não conseguiu arrecadar a quantia necessária para a viagem. Os jovens aspirantes missionários na recitação do pai-nosso, pediam o pão de cada dia mesmo, e davam a nítida impressão de que pediam um milagre. E às vezes acontecia um verdadeiro milagre.

Lembrava padre Bonardi, reitor do escolasticado, que fora chamado pela firma que fornecia o pão: a dívida era grande demais e não era mais possível continuar entregando o alimento. O reitor, muito angustiado, foi ao palácio episcopal e falou com o bispo. Este não tinha nada para lhe dar, mas lhe comunicou a sua fé: “Não se perturbe, padre. Se temos necessidade de alguma coisa, a Providência no-la dará”. Em seguida o exortou a voltar para casa e convidar os jovens a fazer uma hora de adoração.

À tarde, o reitor viu na caixa do correio um envelope amarelo: continha exatamente a quantia para pagar o débito.

O envelope amarelo apareceu ainda outras vezes, nos momentos mais difíceis, e ninguém nunca soube a sua procedência.

Talvez a superação de uma situação crítica como esta tenha inspirado o fundador a compor para os seus missionários a bela oração que começa com as palavras evangélicas: “Ó Senhor, que alimentas as aves do céu e

vestes os lírios do campo, nós te recomendamos todas as necessidades da nossa humilde Congregação...”. Terminava pedindo a Deus que retribuísse com graças celestes todos os que beneficiaram o seu pequeno Instituto. Aquela oração era recitada todos os dias.

Para a sua diocese havia ainda muitas coisas a fazer... Nunca teria podido levar a cabo tudo. Com a coragem dos santos, começou a construção de um grande seminário para os alunos do ginásio e por fim uma casa destinada a receber os padres anciãos que não podiam mais trabalhar na paróquia. Depois preparou pessoalmente um segundo Sínodo diocesano que foi realizado em 1930, no qual dirigiu a seu clero três exortações cheias de fé e de calor paterno. No mesmo tempo, empreendeu a quinta visita pastoral.

Não pôde ir a todas as paróquias porque a sua saúde não o permitia. Portanto, ia somente aos principais centros e lá recebia os párocos das paróquias menores. Em qualquer lugar que chegava, repetia ainda — pela última vez — o seu grito de guerra: “Instrução religiosa! Instrução religiosa!”.

Falava ainda e em toda parte. Mas as suas palavras eram dilaceradas. O seu andar tornara-se cansado. Muitas vezes murmurava: “Oh, se o Senhor me levasse! Estou cansado deste mundo”.

Nesta visita pastoral dos adeuses, aconteceram alguns fatos que têm algo de extraordinário: Numa cidade, uma senhora era totalmente surda; ao levar a netinha à igreja para receber a crisma, pensou consigo: “Ah, se eu pudesse ouvir o sermão daquele santo bispo!”. Quando o bispo começou a falar, ela sentiu como que um estalo.

Olhou em volta surpresa, perguntando: “Ouviram o estalo? Que aconteceu?” Naquele momento o bispo começou o sermão e a sua voz lhe chegou clara e distinta ao ouvido: estava curada!

Na localidade de Vaestano, não podendo visitar os enfermos como era hábito seu, no passado, propôs — ou lhe foi proposto — que os reunisse em uma praça, em cadeiras ou liteiras. O bispo deteve-se diante de cada um dando a sua bênção. Um menino e uma menina estavam num carrinho, ambos com uma perna engessada. A menina tinha uma distorsão no quadril e os médicos duvidavam que ela pudesse sarar completamente; o menino tinha o joelho engessado por causa de uma feia sonovite: as previsões eram que o joelho ficaria duro e rígido. Os pais contaram ao bispo o seu drama. Ele olhou comovido aqueles dois doentes e orou. Depois estendeu as mãos, abençoou-os e voltando-se para os pais os consolou dizendo: “Fiquem tranqüilos, estas duas crianças ainda correrão”. Os dois doentes sararam completamente.

Chegou assim o mês de outubro de 1931. Pensando no seu próximo fim, o bispo lembrou-se das palavras do Evangelho: “Se tens a tua oferenda sobre o altar e te lembras que um teu irmão tem alguma coisa contra ti...”. Não. Ele não tinha nada contra ninguém: tinha amado a todos, mesmo os desencaminhados. Aliás, amava mais a estes; orou por eles, sofreu, flagelou a sua carne para obter a conversão...

Mas havia um irmão, um padre, que tinha alguma coisa contra ele. Ou talvez mais contra a Cúria do que contra ele pessoalmente... Precisava ir reconciliar-se.

Encontrou-se com ele em Scurano, uma localidade a 50 quilômetros da cidade. O padre Licínio del Monte o

recebeu com surpresa e com cordialidade. Dom Conforti lhe falou com suavidade do seu problema e o exortou a depor toda animosidade contra seus confrades e contra o bispo. Recordando as desavenças e as incompreensões, o coração do padre se endureceu e o seu rosto se fechou. Deixava que o bispo falasse e não lhe respondia nada, firme nas suas posições. Dom Conforti não tinha mais palavras... Num certo ponto, levantou um pouco a batina que lhe escondia as pernas inchadas e as mostrou ao padre Licínio: “Padre Licínio... não quererá perdoar a seu bispo que logo não terá mais?”.

A emoção invadiu o coração daquele padre; pai e filho se abraçaram.

Nos últimos dias de outubro, tendo como que um presságio do seu fim próximo, foi ao seminário. Sendo recebido pelo reitor, quis visitar todas as acomodações, como que para uma despedida. Falou dos seus seminaristas, sugeriu alguma modificação aqui e ali e depois retirou-se tranqüilo. No sábado, 24 de outubro, repetiu o mesmo no seu Instituto.

Alguns dias antes tinham-no visto em Fontanellato, de manhã bem cedo, acompanhado por um seminarista. Orou por muito tempo, exprimindo certamente à Virgem o seu reconhecimento por tê-lo guiado durante toda a vida. A ela se juntavam as lembranças mais caras: a cura da sua doença; a primeira missa naquele Santuário; a nomeação para arcebispo de Ravenna no mês de maio; o ingresso em Parma no dia da Anunciação. Agora havia chegado o momento da despedida nesta terra para um encontro solene e feliz no céu: o seu coração filial para com a Virgem de Fontanellato não faltou ao encontro.

UM TRISTE DIA DE NOVEMBRO

Era o dia 25 de outubro de 1931. Pela manhã, dom Conforti foi ao Instituto das Missões para a ordenação de oito diáconos. Durante a cerimônia passou mal, mas não deixou que percebessem.

Depois da missa entreteve-se um pouco com o reitor Bonardi e depois se fez acompanhar de carroça ao palácio episcopal. Foi logo deitar-se.

Chamaram o médico. Já estava em curso uma hemorragia cerebral que logo se converteria em paralisia. Até o dia dois de novembro as esperanças se alternavam aos temores. Logo a notícia da doença do bispo se espalhou pela cidade e chegou à província. Sacerdotes e leigos, autoridades civis e gente do povo acorreram espontaneamente ao palácio episcopal pedindo notícias. Toda a cidade de Parma se agitou.

No dia quatro de novembro levaram-lhe o viático. Dom Conforti quis que o revestissem de roquete e de estola e lhe pusessem o anel episcopal no dedo: queria assim receber o seu Rei, com as insígnias do seu serviço: tinha sido servo fiel!

Quando o cortejo chegou ao quarto do enfermo, ele pediu que o levantassem um pouco nos travesseiros e pediu ao vigário geral que lesse para ele a Profissão de Fé, isto é, o Credo. Terminada a leitura, ouviu-se uma voz fraca mas clara e distinta, a voz do doente: “Creio firmemente — disse ele — e confirmo a profissão de fé que o

vigário geral leu em meu nome... Esta fé foi sempre a norma do meu pensamento, esta fé eu quis sempre pregar em nome e pela própria autoridade de Jesus Cristo. Gostaria ainda de poder dizer que ela foi sempre a norma das minhas ações, cõscio que sempre fui da minha profunda miséria e da minha grande fraqueza. Neste momento em que estou prestes a comparecer diante do tribunal de Deus, peço perdão a meu venerando clero e a meu povo de todas as minhas faltas, de todas as minhas culpas, assegurando que a norma do meu pensamento foi a fé dos apóstolos, a fé da Igreja”.

Era o seu testamento espiritual. Depois recebeu a comunhão eucarística e permaneceu por longo tempo em silenciosa oração.

À tarde, o mal se agravou. Ouviram-no sussurrar: *Videbo Deum Salvatorem meum*: “Verei a Deus, meu Salvador!”.

À noite, ao soar dos sinos, murmurou o *De profundis*. Durante toda a noite os jovens da Ação Católica velaram, guardas fiéis, às portas do palácio episcopal.

Na manhã do dia cinco de novembro o céu estava cinzento. A chuva caía monótona. As pessoas se aglomeravam diante do portão do palácio episcopal e foi-lhes concedida a entrada.

Passavam mudos e chorosos diante do leito do enfermo, como se se tratasse de um familiar.

Por volta do meio-dia o bispo piorou. Às 13:35h, suavemente, sem agitação, expirou. Todos os presentes choraram muito.

MORREU UM SANTO

O povo de Parma não hesitou. Todos diziam: “Morreu um Santo!”.

Durante três dias uma multidão de gente passou diante dos restos mortais de dom Conforti. Todos queriam ver o seu bispo pela última vez e traziam consigo objetos para que tocassem naquele corpo santo. Foi necessário organizar um serviço especial para que não lhe rasgassem as vestes, que os fiéis queriam guardar como relíquia.

À tarde do dia oito de novembro, domingo, o féretro foi levado pelas ruas da cidade. O cortejo durou quatro horas: um verdadeiro triunfo. As maiores manifestações ocorreram no Além-torrente, entre o povo simples e pobre que se sentiu amado.

Nos dias precedentes, havia chovido sem interrupção, mas durante o funeral, nem ao menos uma gota. O povo comentava: “O primeiro milagre fê-lo com o tempo!”.

Ao longo do percurso, alguém que acompanhava a procissão falou aos que faziam ala nas ruas: “Ajoelhem-se, está passando um santo!”.

No dia seguinte houve missa solene na Catedral, com a presença de todos os bispos da Emilia Romagna. Dom Giovanni Cazzani, bispo de Cremona, fez um comovente sermão. Começou — mas não era apenas retórica — com estas palavras: “Isto é um funeral ou é um

triunfo? O funeral de um homem que caiu sob a foice da morte, ou é o triunfo de um santo exaltado à glória do céu?”

Foi sepultado na capela de Santa Ágata, na Catedral. Este humilde sepulcro se tornou meta de peregrinações e todos os dias estava cheio de flores.

Falou-se de graças recebidas e de milagres. O primeiro que ficou na memória foi a cura de uma noviça das Pequenas Filhas, vítima de grave forma de sinovite no joelho esquerdo. A jovem mandou tocar um lenço no féretro do Venerável Conforti e o pôs sobre o joelho. O joelho desinchou e muito cedo começou a funcionar regularmente: estava completamente curada. Esta noviça fez a profissão e foi muitas vezes superiora geral do Instituto. Chama-se Madre Gina Provinciali.

SINTO INTERPRETAR A ALMA DA MINHA DIOCESE

A sucessão de Dom Conforti na diocese de Parma não era fácil. “Um bispo que veneramos como pastor vigilante desta diocese por 24 anos — escrevia o Cônego Giovanni Barili, arcediogo da catedral — do qual nos recordamos com uma lembrança imperecível, como aquele que em toda e qualquer circunstância se mostrou um exemplo irrepreensível de toda boa obra, na doutrina, na integridade da vida, na dignidade do comportamento... É notório a todos e a nós de modo particular que ele copiou em si e de maneira perfeita a figura exemplar de Cristo, tanto na ação como na oração e na conduta, cultivando uma piedade angélica para com Deus, numa união íntima e indissolúvel com ele, por meio de uma caridade ardente, com a humildade do coração, com a pobreza voluntária, com uma contínua mortificação do corpo; por isso todos o admiravam e pela voz comum tinha sido proclamado santo. De fato, ele irradiava e difundia em torno de si a santidade, tendo-se tornado ele mesmo o suave perfume de Cristo, em toda parte”.

É realmente difícil suceder a um santo.

O Papa Pio XI sabia bem disto e por isso escolheu para sucessor de dom Conforti um homem de qualidades não comuns, transferindo-o da diocese de Acireale, onde havia sido bispo por quase cinco anos. Era dom Evásio Colli, nascido em Lu di Casale Monferrato, Alexandria,

em 1883, doutor em Teologia, Filosofia e Direito Canônico e Civil. Homem de inteligência superior e de vasta cultura. Tinha um coração grande, mesmo quando, às vezes, se mostrava severo e, se necessário, inflexível.

Apresentou-se em Parma com aquela lhana cordialidade que logo cativou os corações. Quando o ouviram pregar, avaliaram logo a grande cultura, a fé profunda e a clareza da doutrina. A sua voz pacata descia às almas e repercutia na lembrança.

Grande alma, não temia ser posto em segundo plano e à sombra pela honra que se tributava ao seu antecessor. Aliás, desde o primeiro sermão, o lembrou com palavras que qualificavam perfeitamente as suas características espirituais: “Nele — disse — apareceram o zelo e a suavidade de um São Francisco de Sales”.

Continuou a interessar-se por dom Conforti, estudando a sua vida e os seus escritos e perguntando a quantos lhe podiam dizer alguma coisa sobre aquela grande alma. A frase que se ouvia repetir mais comumente pela gente do povo — mas sem sombras de confrontos odiosos — era esta: “Aquele sim era um santo!”. Depois de dez anos de permanência em Parma, fizera dele um convicto júízo pessoal, a ponto de poder escrever ao Papa: “Nos dez anos durante os quais me encontro nesta diocese, senti crescer em mim, cada dia mais, a convicção da santidade de vida do meu venerável Antecessor imediato, dom Guido Maria Conforti... Sinto interpretar a alma da minha diocese, suplicando humildemente a Vossa Santidade dignar-se benignamente ordenar a introdução da Causa de Beatificação e Canonização”.

Num sermão por ocasião do 25º aniversário da sua morte resumiu seu espírito e sua vida com estas palavras: “Dele se pode dizer que passou fazendo o bem a todos”. Depois, lembrando tudo o que lhe tinham dito dos funerais, acrescentou: “Se tivesse morrido em tempos anteriores às prescrições de Urbano VIII, o povo o teria canonizado imediatamente: em vez de tê-lo levado ao túmulo, com os ritos de um funeral, o teria levado diretamente ao altar para proclamá-lo santo”.

De dom Conforti “missionário”, o bispo Colli disse: “Sempre sonhou e desejou ser missionário, mas a Providência quis que ele fosse, não somente o pai de muitos missionários na Congregação por ele fundada, mas também o primeiro propulsor na Itália do espírito missionário na alma do Clero e por meio deste na alma do laicato católico”.

Exatamente por esta sua convicção pessoal, Colli introduziu o processo informativo diocesano sobre a fama de santidade e sobre as virtudes do seu predecessor, em 1941 e, dois anos depois, pediu ao Papa que iniciasse o Processo Apostólico de sua beatificação e canonização. Este processo foi celebrado entre 1960 e 1961 e depois ficou esperando por um longo tempo, sem uma razão plausível, a não ser a de não haver ainda transcorrido 50 anos desde a sua morte. Só depois, os autos do processo foram examinados e, como conclusão, o Papa João Paulo II proclamou a heroicidade das virtudes do Servo de Deus Guido Maria Conforti, no dia 11 de fevereiro de 1982. Desde aquele momento lhe compete o título de Venerável. O próximo passo é a proclamação a Beato e a Santo.

Mas querendo-se receber desde agora e mensagem espiritual de dom Conforti — que já com a proclamação da heroicidade das virtudes nos é proposto como modelo — podemos assinalar duas características. Elas são evidenciadas no decreto sobre a heroicidade das virtudes, de que temos falado.

A primeira característica é o tipo de santidade vivida por dom Conforti. Uma santidade simples, ao alcance de todos. Uma santidade baseada não em obras extraordinárias, mas no cumprimento fiel e constante dos deveres do próprio estado. Uma santidade fundamentada na fé viva e centralizada em Cristo, que ele amava profundamente e do qual queria ser fiel discípulo.

Como Jesus era manso e humilde de coração e o povo reconhecia por estes sinais a sua semelhança com o *modelo*: a bondade do seu bispo fazia pensar na infinita bondade de Cristo.

A segunda característica é o espírito missionário. Tinha um coração grande que abraçava o mundo.

Depois que o Concílio Vaticano II nos fez descobrir a natureza missionária da Igreja, esta característica de dom Conforti o torna modelo de todos aqueles que querem ser verdadeiros cristãos, e particularmente dos sacerdotes e dos bispos, consagrados não só para uma diocese, mas para o mundo inteiro.

UM INTERCESSOR NO CÉU

A fama de santidade do Venerável Guido Maria Conforti cresceu com o tempo. Muitas eram as pessoas que se dirigiam a ele para pedir a sua intercessão junto a Deus. Muito cedo teve-se comunicação de graças alcançadas com aquelas orações. Já a primeira biografia escrita pelo padre Giovanni Bonardi traz alguns testemunhos; a relação de algumas graças foi redigida pelo Postulador e apresentada no opúsculo ilustrativo da vida, virtudes e milagres do servo de Deus, para a introdução da causa de beatificação e canonização. Apresentaremos algumas, tiradas dos opúsculos de 1941 e 1959¹.

Do primeiro opúsculo

— A Senhora Anunciada Lana, de Milão, foi vitimada por uma broncopneumonia dupla septicêmica e julgada em estado gravíssimo, quase desesperador, dada também a precedente bronquite crônica progressiva. Ao final de uma novena ao Servo de Deus, o mal desapareceu.

— Um menino da creche de Fogarolo di Monticelli (Piacenza) estava moribundo. A freira tocou nele com a relíquia do Servo de Deus. O menino, ao contato, abriu os

(1). *Parmensi Beatificationis et Canonizationis Servi Dei Guidonis Mariae Conforti Archiepiscopi-Episcopi Parmensis Fundatoris Piae Societatis S. Francisci Xaverii pro Exteris Missionibus (Positiones et articuli)*, Parma 1941; Roma 1959.

olhos, retomou a consciência, sorriu e falou, caminhando rapidamente para a cura.

— O menino Gianpaolo Calderoni, de Roccabianca (Parma), sofrendo de septicemia e já moribundo, ao contato da relíquia retomou subitamente uma atitude serena, conseguiu dormir e no dia seguinte estava fora de perigo. O pai do mesmo, padecendo de uma aguda colite renal, por intercessão do Servo de Deus, depois de breve tempo, ficou completamente curado.

— Uma jovem pensionista se converte pelo insistente recurso à intercessão do Servo de Deus e é batizada no dia 19 de novembro de 1934 na capela privada das Filhas de Maria Auxiliadora, conseguindo vencer de modo surpreendente as oposições antes bastante fortes do pai.

Do segundo opúsculo:

— O senhor Dino Salotti conta que, vitimado por um violento ataque de úlcera, foi transportado para o hospital distante duas horas de carro. “Sentia dores agudas, escreve, e tinha ânsias de vômito. O médico duvidava poder salvar-me sem intervenção cirúrgica. Mas apliquei sobre a parte afetada uma relíquia do Servo de Deus Guido Maria Conforti, e as dores e o vômito cessaram como que por encanto e dois dias depois eu deixava o hospital.”

— A senhora Annetta Bertoni era acometida de artrite, de ciática e de outras complicações, com dores agudíssimas e grande enfraquecimento físico. O médico declarou que havia escassíssimas probabilidades de cura. Seguindo o conselho de uma amiga, a senhora Bertoni começou uma novena ao Servo de Deus Guido Maria

Conforti, pondo o seu santinho com uma relíquia sob o travesseiro. Depois de alguns dias, encontrou-se completamente curada.

— O contador Giovanni Paolo, desempregado, fazia tempo que se esforçava para achar uma colocação que estava muito difícil. Desanimado pelo resultado desfavorável dos passos dados teve por intermédio de uma pessoa amiga a sugestão de recorrer à intercessão do Servo de Deus Guido Maria Conforti. Com grande consolação, depois de alguns dias de fervorosa oração, encontrou um bom trabalho.

— A senhora Ida Carlesso, mãe de dois missionários xaverianos, estava “a ponto de deixar a vida”, diz ela própria, por causa de uma difícil intervenção cirúrgica. Antes da operação, começou uma novena ao Servo de Deus Guido Maria Conforti, com a certeza de que ele a ajudaria, desejosa como estava de poder assistir à primeira missa do seu segundo filho Graziano. Os médicos não tinham esperança de salvá-la por causa da fraqueza e dos distúrbios cardíacos. O Servo de Deus não frustrou a sua confiança: superada com êxito a operação, passou todo o perigo e se recuperou.

— A senhora Ada Cavalli escreve: “No dia 15 de setembro de 1947, o meu médico internou-me no hospital porque estava com tifo. No dia 18, o meu estado era realmente grave, tanto que recebi os últimos sacramentos. Os meus familiares, juntamente com mons. Giuseppe Ferrari, estavam a minha cabeceira e me assistiam na agonia. Era meia-noite e eu, que há algumas horas estava sem sentidos, vi no quarto dom Guido Maria Conforti, com os missionários ajoelhados e a um lado a Virgem do Santuá-

rio de Fontenellato. Fiquei curada em curtíssimo tempo. Quando contei a visão a meus familiares, eles me responderam dizendo que também tinham invocado a ajuda do Servo de Deus”.

— O filho da senhora Bianca Baggi submeteu-se a uma grave operação do estômago, da qual saiu aparentemente curado; mas em pouco tempo emagreceu, sentiu-se novamente mal com contínuos ataques de vômito. Era o mesmo mal que voltava galopante. O cirurgião não quis repetir a operação. Naqueles dias, a mãe conheceu o Servo de Deus Guido Maria Conforti por um santinho recebido dos missionários xaverianos. Dirigiu-se a ele, orando com fé, e alcançou a cura do filho.

— A senhora Gina Zametto conta de um parente seu que estava bastante grave: febre alta, septicemia, gangrena no pé. Todos os médicos não tinham esperança de salvá-lo, ou quando muito, diziam que, se melhorasse, iria perder a perna. Ela pôs-se a orar com muita devoção ao “nosso bom padre Conforti”. E enquanto todos diziam que o paciente não sararia, a senhora tinha muita confiança que alcançaria a graça. E assim aconteceu. “Todos dizem, conclui a senhora Zametto, que foi um milagre.”

— A mãe do jovem Giovanni Sanna de Ittiti (Sassari) declara que o filho, depois de uma operação, teve alta do hospital com a ferida aberta, com a qual sofreu por dois anos. A ferida não cicatrizava. Por conselho de um amigo, recorreu ao Servo de Deus Guido Maria Conforti, pondo sobre a pessoa do doente um santinho do Servo de Deus. Para sua grande surpresa no dia seguinte Giovanni, enquanto se dispunha para ser medicado, constatou que a ferida estava totalmente cicatrizada.

— O senhor Serafim Dalla Vecchia, de Noventa Vicentina, foi internado no hospital, onde ficou algum tempo entre a vida e a morte, reduzido a pele e osso. Não tocava em comida há 40 dias. Partindo para o hospital, o pároco, os familiares, os amigos se despediram dele, convencidos de que não voltariam a vê-lo vivo. O médico que cuidava dele, tinha julgado oportuno tentar a cura, mas como uma extrema tentativa; porém ele também duvidava que o paciente chegasse vivo ao hospital. O Dr. Bruni, primeiro médico do hospital, declarou, dadas as condições do paciente, que toda intervenção e qualquer ação ulterior seriam inúteis. Os familiares foram avisados. Estes, cheios de confiança, começaram uma novena em honra do Servo de Deus Guido Maria Conforti. Ele ouviu as suas orações: o paciente logo se restabeleceu e em seguida pôde ser submetido a uma intervenção cirúrgica, e agora, depois de mais de um ano, está bem.

— A senhora S.M. de Parma conta: “Agradeço e agradecerei por toda a minha vida a dom Conforti por uma graça excepcional que me alcançou. Meu marido não tinha nada de bom: blasfemador, dado à bebida, briguento, enfim, não era ‘flor que se cheire’. A minha casa, quando ele nela entrava, transformava-se num inferno. Não sabendo mais a que santo recorrer, dirigi-me com confiança ao Servo de Deus Guido Maria Conforti, que tive a sorte de conhecer quando era menina, e lhe implorei muito. Aconteceu o milagre: meu marido se converteu, voltou às práticas religiosas, e na família parecia um cordeiro”.

Duas graças extraordinárias

Algumas graças extraordinárias foram testemunhadas com juramento nos processos de beatificação. Entre outras é notável este testemunho de mons. Edmundo Barchi ao processo apostólico de 1960.

“Na minha paróquia de Colorno, Irmã Giuseppina Bozzo das Filhas da Caridade, então funcionária do laboratório feminino e agora residente no hospital Castelli de Pallanza, teve, há uns 20 anos, por três vezes, um ataque de erisipela. O seu estado era desesperador. À Superiora que chorando me relatava o caso, propus iniciar logo a novena invocando a intercessão do Servo de Deus. O estado da Irmã, cujo rosto parecia uma máscara, tendo sido levada com urgência ao hospital civil de Colorno, agravou-se tanto que parecia iminente o seu fim. No segundo dia da novena, a irmã teve uma ligeira melhora e no terceiro dia começou decididamente a sarar. No oitavo dia, já retomou a sua função no laboratório onde trabalhava. Tendo sido avisado o Instituto Missionário, o padre Popoli, sem indicar o motivo, pediu ao Dr. Gino Pellegreffi, agora falecido, médico que tomava conta daquela irmã, uma declaração sobre a cura ocorrida. Ele logo a relatou, e, tendo sido avisado que o seu depoimento poderia ser útil para a causa de canonização do Servo de Deus, disse que estava contente porque considerava aquela cura um milagre”. Segue a declaração do médico:

Irmã Giuseppina Bozzo, Filha da Caridade da creche de Colorno (Parma), nos primeiros dias de novembro passado, caiu doente de erisipela facial difusa no couro cabeludo.

O quadro sintomatológico logo se apresentou grave, quer pela localização do processo infeccioso, quer pelo campo da sua difusão. Encontrando-se com febre elevada, a paciente despertava sérias preocupações pelo seu estado de geral adinamia e pelos seus escassos mecanismos de defesa. Procedia-se imediatamente aplicações tópicas de substâncias fortemente anti-sépticas e à subministração por via oral e hipodérmica de medicamentos destinados a afastar a generalização do processo infeccioso. Mas, apesar da pronta intervenção, o fato séptico não dava sinal de ceder; pelo contrário, depois de pouquíssimos dias, notava-se a participação do rim no quadro morboso, tendo sido determinada uma nefrite aguda concomitante com eliminação hiperbólica de albumina e de cilindros.

Em tais condições a doente poderia ser considerada em estado alarmante, razão pela qual o médico que dela cuidava achou oportuno informar do perigo à Madre Superiora da creche, para que tomasse as providências a fim de informar os superiores de Turim. Os dias seguintes transcorriam sem que se delineasse nenhuma probabilidade de melhora, tanto que no dia nove do mesmo mês de novembro a paciente apresentava uma síndrome de sepse geral: febre sempre elevadíssima, estado de subdelírio, língua seca e saburrienta, vômito e oliguria. A administração de heróicos subsídios terapêuticos era inibida pelo estado deplorável do rim, a nutrição era reduzida a escassa quantidade de leite: portanto, restavam bem poucas esperanças de superar a crise, devido também à fraqueza da enferma.

No dia 10 de novembro recebi uma convocação inesperada às armas, e então, foi determinada a internação da Irmã no Hospital Civil de Colorno.

Parma, 15 de abril de 1941.

Dr. Gino Pellegreffi

O testemunho seguinte de mons. Tomás Salvi, Diretor Espiritual no Seminário de Fiésole, nos chegou munido de um certificado médico.

“Na noite de cinco de março de 1950, de volta do hospital de Santo Antônio onde tinha acompanhado a minha empregada Elvira Brocci com um fleimão na mão direita, senti-me inspirado a pedir a Deus a graça da sua cura, mediante a intercessão do Servo de Deus Guido Maria Conforti que, no ano de 1916, tive a sorte de conhecer e de quem recentemente havia recebido uma estampa que me fora enviada pelo Instituto Xaveriano de Parma. Cheio de confiança comecei uma novena e, depois de alguns dias, para minha grande consolação e surpresa, soube que todo o perigo para a enferma já tinha sido afastado. Acho desnecessário acrescentar outras palavras ao certificado médico alegado, porque responde fielmente à verdade.”

Eu, infra-escrito médico-cirurgião, certifico que Elvira Brocci, 72 anos, residente em Fiésole, deu entrada no hospital local de Santo Antônio, no dia 5 de março de 1950, porque estava com um fleimão na mão direita, com febre alta e linfagite difusa em toda a articulação supe-

rior direita. Devo declarar que, estando o estado local e geral da paciente, já antes, organicamente depauperado, formulei um prognóstico um tanto reservado “quoad vitam” (com respeito à vida) e um reservadíssimo, para não dizer infausto “quoad valetudinem sive restitutionem ad integrum”.

Tinham transcorrido poucos dias da intervenção cirúrgica, realizado no mesmo dia da visita do médico no hospital (cinco de março), quando se verificou uma notável melhora no quadro local e geral da paciente. A febre sumiu, desapareceu a tumefação da mão, desapareceu o avermelhamento geral da mão e do antebraço; o tecido da ferida cirúrgica foi recobrando-se rapidamente de ótimas granulações, o estado geral tornou-se satisfatório e a paciente eufórica; tanto que, ao término de 15 dias, aconteceu não só a cura clínica da afecção flegmonosa, mas a completa funcionalidade da mão.

Devo, por isso, declarar que esta cura tão rápida, tão surpreendente, deve-se considerar independente em grande parte do tratamento cirúrgico e curativo dos primeiros dias, por isso não hesito em declarar que se pode considerar uma “cura prodigiosa”.

Fiésole, 23 de março de 1950

Dr. Paoli Paolo.

Alguns casos recentes

A senhora Carla Maria B. sofria de um processo osteomielítico que atacava o terceiro médio da clavícula. Como os médicos tinham prognosticado uma prolongadíssima cura, o marido foi ao túmulo do Servo de Deus e orou com fé. Ao sucessivo controle radiográfico os médicos constataram com assombro a quase completa calcificação óssea ocorrida inexplicavelmente no espaço de somente dois meses.

O padre Luís Grazzi, xaveriano, em 1962 foi operado da vesícula por neoplasma. Feita a resseção e a extirpação da parte doente, o paciente teve alta com prognóstico reservado. Segundo o andamento normal em casos semelhantes, o doente iria morrer dentro de poucos meses. A paróquia de Pannocchia, junto de Parma, fez uma novena a dom Conforti pela sua cura. O padre não teve mais nenhum distúrbio por 18 anos, para grande admiração dos médicos.

No México, recentemente, um jovem foi vítima de um acidente. Foi levado ao hospital em coma considerado irreversível. Um parente seu recorreu com fé ao Venerável Conforti e, inexplicavelmente, o adolescente retomou a consciência e depois de poucas horas deixou o hospital completamente curado.

Muitas graças espirituais e conversões são atribuídas ao Venerável Conforti e a confiança na sua intercessão nunca foi em vão.

OS MISSIONÁRIOS XAVERIANOS NO MUNDO

Na morte do fundador os missionários xaverianos eram 127: relativamente poucos, dado os 36 anos transcorridos desde a fundação. Os sacerdotes eram 55, incluindo o bispo dom Calza, os irmãos coadjutores 21 e os estudantes professores do liceu e teologia 51. O noviciado era promissor, pois no ano seguinte houve 27 profissões religiosas, número jamais atingido até então.

Em missão na China havia 33 missionários e fora constituída uma nova circunscrição eclesiástica na parte ocidental, com a denominação de Prefeitura Apostólica de Loyang. Em 1935 será elevada a Vicariato Apostólico sob a orientação do bispo dom Assuero Bassi.

Mas o intervalo de relativo sossego que durava desde 1928, devia logo terminar. Em 1937 começará na China a longa e sangrenta guerra sino-japonesa. Os missionários foram levados aos campos de concentração. Só poucos puderam permanecer em seus postos, para dirigir o hospital e outras obras assistenciais.

Quando a armada japonesa passou o Rio Amarelo e chegou à nossa missão, houve a primeira vítima entre os xaverianos: o padre Gino Botton, morto com uma baioneta por um soldado, enquanto saía do refúgio para indicar a presença de gente inerte.

Em 1944 morria o bispo Luigi Calza, depois de ter visto destruída pelos bombardeios a sua Catedral e quase aniquilada a obra de apostolado, que havia custado tantos trabalhos e tribulações por 40 anos. Morreu em Cheng Chow, sem poder rever os seus missionários.

No fim da Segunda Guerra Mundial, novos grupos de missionários foram mandados para a China, em número redondo mais de 70. A atividade interrompida foi retomada. O atribulado povo chinês parecia abrir-se à graça. Os missionários trabalhavam com zelo incansável e as esperanças eram muitas. Foi aberto um novo campo na província do Kiang-si.

Mas uma terrível provação esperava os missionários. O exército vermelho de Mao Zedong, dominado por longos anos por Chiang Kai-shek, começou a levar vantagem entre 1949 e 1950. As missões xaverianas caíram sob a dominação comunista.

A luta contra as religiões era feroz e a Igreja católica o alvo principal. Muitos cristãos foram aprisionados ou mortos; os missionários estrangeiros, antes mantidos em seus domicílios sujeitos a mil restrições, foram depois aprisionados e levados diante dos tribunais do povo, acusados de delitos imaginários, insultados, espancados e finalmente expulsos. Entre 1951 e 1954 todos os missionários xaverianos, um a um, em grupos de dois ou em pequenos grupos foram escoltados até a fronteira de Hong-Kong, de onde esperavam voltar para a pátria.

Outros campos de trabalho

Em vista do avanço comunista, já desde 1949, os xaverianos tinham iniciado um trabalho no Japão, nas dioceses de Osaka e Miyazaki (agora Oita). Em 1950, foi aberta uma missão na África, na Serra Leoa e no ano seguinte um grupo foi mandado a Padang, na Indonésia e se abria também uma missão em Jessore, no Paquistão oriental, agora Bangladesh.

Poucos anos depois, em 1953, respondendo a um apelo do Papa Pio XII, os xaverianos punham à disposição de algumas dioceses do Brasil vários missionários, que tinham voltado da China e alguns jovens.

Nenhuma das novas missões era fácil.

No Japão, mesmo entre uma população educada e gentil, os missionários tiveram desilusões e desconforto pela escassez de conversões: “pesca de anzol”, costumava-se dizer.

A missão de Padang na Indonésia estava na zona dos muçulmanos, entre os quais as conversões eram impossíveis. O trabalho era desenvolvido entre os imigrados chineses e javaneses. Além disso, as distâncias eram imensas e as dificuldades de viagem gravíssimas.

Bangladesh tinha um clima tórrido e a população era prevalentemente muçulmana, portanto não aberta à mensagem cristã. Além disso, havia uma pobreza endêmica e as doenças eram frequentes. O mesmo se pode dizer da Serra Leoa, chamada — no século precedente — “túmulo dos brancos”. Aqui os missionários desenvolveram uma apreciadíssima obra de pré-evangelização através das escolas, enquanto em Bangladesh e na Indonésia prevaleciam as obras sociais.

Em 1971, em Bangladesh, desencadeou-se a guerra de independência e um padre xaveriano caiu vítima da violência. Três anos depois, outro xaveriano era morto por um sicário em represália às obras de beneficência que tinha realizado em favor dos deserdados.

Entretanto, as vocações aumentavam de maneira verdadeiramente consoladora. Pensou-se assim em abrir uma verdadeira e própria missão no norte do Brasil, o que foi feito em 1961, aceitando-se a Prelazia de Abaetetuba, no Pará.

Em 1962, foi aberta uma missão no Zaire oriental (então ex-Congo Belga) em Uvira, e uns dois anos depois, no vizinho Burundi.

Eram regiões em que — dizia-se — “o Espírito Santo sopra forte”. A população era simples e bem disposta, as conversões numerosas e também o clima era bom. “Finalmente os xaverianos têm uma missão fácil!” dizia-se; mas os desígnios de Deus eram outros.

Em 1964-1965, desencadeou-se a revolução mulelista que sacudiu o país e fez numerosas vítimas, mesmo entre os estrangeiros e particularmente entre os missionários. Os xaverianos foram, num primeiro tempo, mantidos prisioneiros na residência episcopal de Uvira, ameaçados continuamente de morte, em seguida libertados com uma blitz que pegou os carcereiros de surpresa. Mas quatro missionários aprisionados foram mortos: três xaverianos e um padre africano que trabalhava com eles.

Os missionários voltaram à missão assim que a revolução amainou e retomaram o trabalho com ardor.

A missão do vizinho Burundi, objeto de tantas esperanças, foi atormentada, alguns anos depois, por lutas

tribais: houve fortes repressões por parte do grupo dominante. Desde aquele momento, a política do governo foi a de expulsar os missionários como testemunhas incômodas das violências e das injustiças. Agora, no Burundi, os missionários xaverianos foram reduzidos a pouquíssimos. Mas a perseguição sofrida naquele país levou os superiores a encaminhar os missionários para outra parte: foram assim abertas residências missionárias no Chade e nos Camarões, enquanto alguns anos antes foi aceita uma pequena, mas dura missão em Buenaventura, na Colômbia.

Na América Latina o trabalho procede animado, mesmo com a situação político-social sendo causa de tristeza para os missionários, levando-os, às vezes, a tomarem atitudes perigosas em favor da justiça. Também aqui os xaverianos tiveram duas vítimas e exatamente após intervenções em favor dos pobres e dos deserdados.

Nesse período o Instituto abriu várias casas de formação na Itália e se difundiu também no exterior: em 1946 nos Estados Unidos, em 1948 na Grã-Bretanha, em 1952 no México, em 1953 no Brasil e em 1962 na Espanha. As fundações do México e do Brasil, mostraram-se muito promissoras.

Atualmente os xaverianos são 899, entre 5 bispos, 689 sacerdotes, 44 irmãos e 161 estudantes professos dos cursos teológicos. Já faleceram 188. O número dos estudantes do México (71) superou o da Itália (37), onde a crise das vocações se faz sentir. Os xaverianos não-italianos já são 205 e entre eles há 2 chineses, 19 indonésios e 8 zairenses: as novas igrejas já começaram a produzir os seus frutos!

No Brasil atuam 115 xaverianos e 7 estudantes professores cursando teologia, divididos em duas Províncias: uma na Amazônia e outra nos Estados de Minas Gerais, São Paulo e Paraná. Os brasileiros xaverianos são 24, nove deles encontram-se fora do País. Três morreram.

A CONGREGAÇÃO DAS MISSIONÁRIAS DE MARIA

A Congregação inspirou-se no mistério da Visitação de Maria (Lc 1,39-56) para a escolha de seu nome: “missionárias de Maria”. Como Maria, ela quer ser portadora de Jesus, enviada a todos os povos espalhados pelo mundo conforme o mandato do próprio Cristo: “Ide por todo o mundo a proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15).

A Congregação é também conhecida como “Missionárias Xaverianas” por ter São Francisco Xavier como padroeiro e por ser o ramo feminino da família dos missionários xaverianos.

Fundação:

A Congregação “Missionárias de Maria” foi idealizada por dom Guido Maria Conforti, fundador da Pia Sociedade São Francisco Xavier (missionários xaverianos) em prol das missões *ad gentes*. Dom Guido Maria Conforti ao visitar suas primeiras comunidades na missão da China percebeu a necessidade e importância de uma Congregação feminina com a mesma espiritualidade para atuarem juntos no trabalho apostólico-missionário. Pensou em fundar o instituto feminino com a mesma espiritualidade, mas a saúde não lho permitiu. Faleceu em 1931.

Após alguns anos, um de seus filhos, padre Giacomo Spagnolo, por inspiração divina, e a Madre Celestina Bottego, deram início à Congregação das missionárias de Maria, como ramo feminino da família dos missionários xaverianos, a fim de que colaborassem com eles na evangelização dos não cristãos, sem excluir outras iniciativas. Era o ano de 1945 na cidade de Parma, Itália.

Finalidade

O mandato de Jesus: “Ide por todo o mundo e proclamai o Evangelho a toda criatura” é a finalidade primordial das missionárias de Maria.

A finalidade missionária “além fronteiras” é o espírito que convoca, reúne, anima cada missionária de Maria de forma que “todos os meios e todas as forças para a missão” é seu programa de vida pessoal e comunitário.

Inserida na Missão da Igreja, a Congregação se dedica antes de mais nada ao anúncio do Reino de Deus aos povos e grupos que não conhecem a Boa Nova de Jesus (Comunidades de diálogo entre cristãos-budistas-xintoístas no Japão e comunidades testemunhos entre muçulmanos e religiões tradicionais na África; comunidades entre os Índios no México); nas Igrejas locais se dedica à formação de novas comunidades cristãs, formação de lideranças leigas para os diversos serviços na Igreja (no Brasil, África e México); Animação Missionário-Vocacional nos lugares e grupos que já receberam o primeiro anúncio de Jesus Cristo.

A exemplo de Jesus, solidarizando-se sobretudo com os pobres, desenvolve uma ação evangelizadora que visa

o desenvolvimento integral da pessoa humana através de atividades sociais, educacionais e sanitárias.

Como sinal de sua disponibilidade a qualquer necessidade da Igreja local e do ambiente onde se encontra, não usam uniforme mas se apresentam, com simplicidade, como as demais mulheres do local.

Da Casa Mãe para o Mundo

As missionárias de Maria têm sua fundação e sua sede geral na cidade de Parma, Itália.

Na fidelidade a sua missão além fronteiras, as missionárias de Maria estão presentes na Europa (Itália); na América (Brasil, Estados Unidos e México); na Ásia (Japão), na África (Zaire, Chade, Camarões, Serra Leoa).

No Brasil

A Congregação se fez presente no Brasil em maio de 1957 com a chegada das três primeiras missionárias; Gianna Lingiard, Elisa Caspani e Anna Maria Chiletto, acompanhadas pela Madre Fundadora Celestina Bottego.

No Brasil atuam com grupos localizados no Estado do Pará, Paraná e São Paulo.

A missão das missionárias de Maria aqui no Brasil é sobretudo a animação missionário-vocacional na e para a Igreja local e universal. Para isso, dedica-se à formação de comunidades cristãs, formação de lideranças leigas e missionárias, sobretudo nas periferias das grandes cidades como São Paulo e Belém do Pará. Ao mesmo tempo expressa a sua solidariedade com as classes menos favoreci-

das fazendo-se presente na pastoral da criança (creches, Unicef), na pastoral da saúde (hospitais), na pastoral da juventude e na promoção da jovem e da mulher (centros promocionais, clubes de mães).

Do Brasil para a Missão “Ad Gentes”

Depois de um tempo de formação e preparação, as missionárias de Maria, brasileiras, partem para a missão *ad gentes*. A primeira a partir foi a Irmã Inês Vailati. Após esta, outras missionárias partiram para o Japão, Zaire, Itália, Chade, Camarões, Serra Leoa e México.

DOS ESCRITOS DE DOM CONFORTI

Para finalizarmos esta obra, vamos aduzir alguns pensamentos do Venerável Guido M. Conforti sobre a Vocação Missionária. Apesar da linguagem do passado, os conteúdos são de grande atualidade.

A vocação missionária *(De vários discursos)*

Discutiu-se várias vezes nos congressos missionários e nas colunas das nossas revistas sobre o melhor modo de favorecer a evangelização dos infiéis. Mesmo reconhecendo a importância maior ou menor de tantas belas propostas, estou convencido de que o melhor modo para entender o Reino de Deus sobre esta terra é este: cooperar na formação de missionários piedosos e cultos, prontos a tudo por causa tão santa.

Quando tivermos um número suficiente para as nossas necessidades, então todas as dificuldades serão superadas facilmente e veremos o mundo conquistado para Cristo.

São insuficientes as pessoas que se dedicam ao apostolado e devemos favorecer do melhor modo possível as vocações apostólicas, seja cultivando e dirigindo os jovens que se sentem chamados ao apostolado, seja favorecendo os Institutos Missionários que se encontram muitas vezes em dificuldades por falta de meios materiais.

Exorto os pais e as mães a não criarem obstáculos à vocação de seus filhos ao estado eclesiástico, porque isso equivaleria a opor-se aos desígnios de Deus sobre eles e portanto seria esta a mais irracional das oposições e o mais grave dos erros, cujas funestas consequências não se poderiam calcular.

Por isto, pais cristãos, quando algum dos vossos filhos vos pedir para ser sacerdote, fazei calar a voz da carne e do sangue, a voz do interesse humano e terreno, e não hesiteis em secundar o santo desejo antes que o mundo corrompa o coração do vosso filho e apague nele estas santas aspirações. Não se pode corresponder a Deus com uma negativa.

O Santo Padre manifestou muitas vezes o desejo de que todas as dioceses da Itália estivessem mais ou menos representadas entre as filas do exército missionário. Este voto é bem digno do Vigário de Jesus Cristo e deve ser apoiado pelas solitudes daqueles que são com razão chamados sucessores dos Apóstolos.

Uma das glórias mais belas para um seminário e para uma diocese será sempre aquela de ter podido oferecer um ou mais soldados à gloriosa vanguarda do exército de Cristo, que em primeira linha, afrontando dificuldades e perigos de todo gênero e a própria morte, trabalha sem cessar para dilatar as fronteiras do Reino de Deus.

Bispo de uma vasta diocese, sei bem quanto custa a perda, mesmo de um único cooperador, sobretudo se cultiva o campo das almas; mas também sei que quem pode suscitar das pedras filhos de Abraão, não deixa jamais de compensar abundantemente o sacrifício que se faz pela maior das causas, a mais legítima das conquistas.

Façamo-nos todos apóstolos, porque todos podemos e devemos sê-lo, no estado e na condição em que a divina Providência nos colocou. Deveis sê-lo vós, ó sacerdotes, destinados a conservar e a alimentar a fé naqueles que já a possuem. Deveis sê-lo, vós, ó ricos, refletindo que os pobres mais necessitados são aqueles que não possuem o inestimável dom da Fé. Deveis sê-lo, vós, ó pobres, pensando que existem pobres mais pobres do que vós... À vista de tantas misérias materiais e morais que envolvem ainda grande parte da humanidade, como podemos ficar insensíveis e não sentir compaixão de tudo isso?

Ah! quando fazemos alguma despesa inútil, se se pensasse que com este dinheiro, se poderia induzir tantos pagãos a deixar batizar os seus filhos em perigo de morte, ajudar tantas famílias em míseras condições, manter catequistas em vários países onde fariam conhecer a nossa santa religião; se se refletisse em todo o bem que resultaria de alguns pequenos sacrifícios, certamente não se pensaria senão em fazê-los por uma causa tão bela. Peregrinos em terra estrangeira, que devemos também deixar dentro de pouco tempo, não levaremos conosco nada a não ser as nossas boas obras.

Gostaria que a minha pobre voz fosse ouvida de um outro extremo da nossa Península por todas as almas generosas e amantes do bem: vinde em ajuda às missões, elas vos estendem necessitadas as suas mãos... E vós, que agora me escutais, levai as minhas palavras a quantas almas conheceis piedosas e abastadas e dizei-lhes que entre todas as obras santas e divinas, santíssima e diviníssima é a de cooperar com Cristo para a redenção das almas.

BIBLIOGRAFIA

Fontes

Processo Informativo sulla fama di santità del Servo di Dio Guido Maria Conforti, 1942-1952. Roma Archivio Postulazione Saveriana (APS).

Processo apostolico sulle virtù e miracoli..., 1960-1961 (APS).
Dei due processi sono stati pubblicati i *Sommari* nei volumi intitolati *Positio super Causae introductionis*, Roma 1954, e *Positio super virtutibus*, Roma 1964 (APS).

L'Eco, *Foglio ufficiale della Curia vescovile di Parma*, 1909-1931.

Bolletino (poi Rivista) dell'Unione Missionaria del Clero, 1917-1931.

Diari, volumi dattiloscritto per gli anni 1904, 1910, 1915, 1917-1922, 1927-1929 (APS).

Epistolario, vol. 14 (in parte pubblicato nei volumi che seguono) (APS).

Omellie, discorsi, ritiri, panegirici; vol. 9 dattoloscritti (APS).

Escritos e documentos

Costituzioni della Pia Società di San Francisco Saverio per le Missioni Estere, Parma 1921, 2^a ed. 1931.

Ricordi e Propositi, Parma 1933.

La Parola del Padre, Parma 1937; 2^a ed. Bologna 1981.

La Parola del Fondatore, Parma 1966.

Lettere ai Saveriani, 3 vol., Roma 1977.

Unione Missionaria del Clero, (Lettere e discorsi), con premessa e note di p. F. Teodori, s.x., Roma 1978.

Le Piccole Figlie dei SS. Cuori di Gesù e Maria (Lettere e documenti), Introduzione e note F. Teodori, Roma 1980.

Andrea Ferrarim e Guido Maria Conforti nella Chiesa di Parma, 1850-1893 (Lettere e documenti), Introduzioni e note c.s.

Lettere Pastorali 1902-1931 (Riproduzione anastatica), Roma 1983.

Servizio ecclesiale e carisma missionario, (1893-1902), 4 vol. (Lettere e documenti), Introduzione e note c.s., Roma 1987-1988.

Chiamati alla Santità, Esortazioni al Clero e Allocuzioni, Bologna 1988.

Biografia

BONARDI G., *Guido Maria Conforti*, Parma 1936.

VANZIN V.C., *Padre di Missionari* (Profilo), Parma 1941.

CHIAREL A., *Kung Wei-tuo Ciuang Liuo* (Breve vita di Guido Conforti), Cheng Chow, China 1939.

CIONI R. *Un grande Vescovo italiano, Guido Maria Conforti*, Parma 1944.

VANZIN V.C., *Un pastore e due greggi*, Parma 1950.

BARSOTTI G., *Il servo di Dio Guido Maria Conforti*, Parma 1953; 2ª ed. Parma 1949. Traduzione in portoghese: *Profeta de uma nova época missionária*, San Paolo, Brasile 1981.

BARSOTTI G., *Più vivo dei vivi. Aspetti e momenti della vita di Mgr. Conforti*, Roma 1970.

LUCA A., *Sono tutti miei figli. Il Servo di Dio Guido Maria Conforti*, Bologna 1980. Traduzione-riduzione in lingua inglese: *Bishop without frontiers*, Glasgow 1983.

MUNARI T., *Un corazon para todos*, Guadalajara, México 1981; 2ª ed. *Un obispo sin fronteras*, ibi, 1986.

GARELLO S., *Profilo biografico in lingua bengalese*, Khulna, 1987.

LUCA A., *Mons. Conforti. Profilo biografico del Ven. Guido M. Conforti*, Parma 1988.

Ensalos e manuscritos

BALLARIN L., *L'anima missionaria di Guido Maria Conforti*, Parma 1962; 2ª ed. col titolo: *Tutto per la missione*, Bologna 1981.

BARSOTTI G., *L'anima di Guido Maria Conforti*, Roma 1975.

BIRELLO W., *Il sacerdozio negli insegnamenti e nella vita di G. M. Conforti*, Parma 1964.

BOTTI F., *Mons. Guido Maria Conforti*, Parma 1965.

CORRADINI N., *La predicazione mariana di G.M. Conforti*, Parma 1963.

DAGNINO A., *Dottrina spirituale di G.M. Conforti*, Balsamo 1966.

LUCA A., *Guido Maria Conforti, Testimonianze*, Bologna 1981.

— *Il Cardinal Ferrari e Mons. Conforti*, Parma 1988.

VARI, *Un grande vescovo italiano*, Bologna 1982.

ÍNDICE

Apresentação	5
Uma quinta entre os pântanos	7
Devo tudo a minha mãe	9
No seminário	11
Um cavalheiro sem mancha e sem medo	13
Um obstáculo insuperável	15
Um jovem fundador	17
O ninho das águias	20
Perseguição dos Boxers	25
Uma grande casa vazia	28
Uma pesada cruz Episcopal	30
Bispo de Parma	33
Pouco “conforto” e muitas dores	37
Por vales e precipícios	40
Os leigos no apostolado	42
O bom samaritano	44
Oração e penitência	46
Cai o Império na China	49
Barricadas em Parma	53
A China dos anos vinte	56
Quarenta dias na China	60
A minha hora está para chegar	63
Um triste dia de novembro	68
Morreu um santo	70
Sinto interpretar a alma da minha diocese	72
Um intercessor no céu	76
 Apêndice I : Os missionários xaverianos no mundo	 86
Apêndice II : A Congregação das missionárias de Maria	92
Apêndice III : Dos escritos de dom Conforti	96
 Bibliografia	 99



Impresso na Gráfica de Edições Paulinas - 1992
Via Raposo Tavares, Km 19.145 - 05577-300 - S. PAULO

Centro Documentazione Saveriani Roma

“Ao descobrirmos toda a importância desse engajamento (do anúncio da Boa Nova aos pré-cristãos, ndr), devemos, ao mesmo tempo, nos esforçar para realizar a finalidade sublime que nosso Instituto se propõe, trabalhando com ardor sempre crescente na propagação do Evangelho..., levando assim nossa pobre contribuição para a realização da profecia de Cristo ao anelo da formação de uma única família cristã que congregue a humanidade toda.”

Com essas palavras da carta-testamento mons. Conforti despediu-se dos missionários xaverianos, antes de morrer.

Aos 11 de fevereiro de 1982, concluindo o Processo apostólico de beatificação e canonização, o Papa João Paulo II proclamou a heroicidade das virtudes do Servo de Deus, Guido Maria Conforti. Desde então compete a ele o título de “Venerável”. O próximo passo será o da proclamação de Bem-aventurado e de Santo.

O autor desta obra, Pe. Augusto Luca, é um missionário xaveriano. Trabalhou no Japão nos anos de 1951 a 1966. Foi por muitos anos diretor das revistas da Congregação. Escreveu ensaios de hagiografia e de história, além de numerosos artigos em revistas missionárias e em jornais.